

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

AMANNA DE PAULA BARBOSA

UFCG

INDÍCIOS DA RUPTURA COM A TRADIÇÃO LITERÁRIA ATRAVÉS  
DAS PERSONAGENS FEMININAS DE *BISA BIA*, *BISA BEL*, DE ANA  
MARIA MACHADO

SUPRA OMNES LUX LUCIS

Campina Grande  
2015

AMANNA DE PAULA BARBOSA

INDÍCIOS DA RUPTURA COM A TRADIÇÃO LITERÁRIA ATRAVÉS  
DAS PERSONAGENS FEMININAS DE *BISA BIA*, *BISA BEL*, DE ANA  
MARIA MACHADO

Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura em Letras da Unidade Acadêmica  
de Letras da Universidade Federal de Campina  
Grande, como exigência da disciplina Redação  
Científica para obtenção do grau de graduada  
em Letras, sob orientação da Prof. Márcia  
Tavares.

Campina Grande

2015

AMANNA DE PAULA BARBOSA

INDÍCIOS DA RUPTURA COM A TRADIÇÃO LITERÁRIA ATRAVÉS  
DAS PERSONAGENS FEMININAS DE *BISA BIA*, *BISA BEL*, DE ANA  
MARIA MACHADO

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de  
Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Márcia Tavares (UFCG)  
(Orientadora)

---

Profa. Ma. Aluska Silva Carvalho (UFCG)  
(Arguidora)

**Trabalho aprovado em:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2015.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus minha fonte inesgotável de fé, esperança, amor incondicional. Dono de todas as minhas realizações e Senhor da minha vida.

Aos meus pais, Antônio e Nanci, que estiveram ao meu lado e dedicaram tudo para que meu sonho pudesse ser concluído. É neles que encontro apoio nos momentos de fraqueza e divido a alegria nos momentos de felicidade. A vocês, meu alicerce, todo o meu amor e gratidão.

A minha irmã, Alanne De Paula, que é minha companheira de vida, com quem compartilho meus melhores sentimentos e é quem realmente conhece minhas fraquezas. Ela quem sempre me ampara e partilha, incondicionalmente, seus conhecimentos acerca das Letras. Á ela, meu afeto maior, devo grande parte do que sou.

A minha família, que direta e indiretamente, contribuíram para minha formação pessoal e profissional: Vó Antônia, Vô José, Tias, Tios, Primos, Madrinhas e Afilhados. Em nome deles, as minhas maiores saudades: Vó Severina, Vô Francisco e Luíra.

Aos meus amigos, meus melhores presentes de Deus, donos dos meus sorrisos constantes e das minhas lágrimas verdadeiras: Janaína De Paula, Jéssica Aguiar, Bruna Guedes, Flávia Morais, Fernanda Aguiar, Araceli Aleixo, Jaciana Morais, Aguinaldo Araújo, Ricardo Souza, Renan Leal, Priscila Caíres, Láisa Aguiar, Karina Raquel e Paula Beatriz.

Aos irmãos que a UFCG me concedeu, obrigada por todas as conquistas conjuntas, por estarem ao meu lado, por me permitirem fazer parte da vida de vocês para sempre: Johne Paulino, Luana Oliveira, Sabrina Soares, Jéssica Priscila, Vanessa Ohanna e Verônica Lucena.

A minha orientadora, Dra. Márcia Tavares, por ter me enfeitado pela Literatura Infanto-Juvenil através de sua dedicação, competência e responsabilidade e por ter me dado todo o apoio necessário.

Aos meus professores da graduação, por quem tenho imenso respeito e admiração. Especialmente: José Mário, Auxiliadora Bezerra, Aloísio Dantas, Aluska Carvalho, Denise Lino e Hélder Pinheiro.

## RESUMO

O estudo acerca das teorias e a compreensão da cultura tradicional que circulam a fundamentação da Literatura Infanto-Juvenil possibilita a compreensão de vários indícios constituintes nos primeiros textos direcionados para crianças. O poder moralizante, as imposições de regras e o modelo de comportamento a serem seguidos pelo leitor-criança são a essência da tradição dessa literatura. Mas, como a literatura com o passar dos séculos começou a ganhar uma nova função, deixando de lado o poder educativo que a constituía e não o excluindo totalmente, os autores do século XX apostam em um jeito diferente de escrever. É nesse contexto de renovação literária que o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) de Ana Maria Machado se insere. Suas personagens femininas são elaboradas de acordo com a troca de diálogo que envolve as discussões de gerações (passado, presente e futuro), em que os ensinamentos comportamentais advindos da bisavó Beatriz são confrontados com a personalidade da bisneta Isabel e que, mais a frente, são reforçados pelos pensamentos de Neta Beta. Esses diálogos são fundamentais para que a narradora-personagem Isabel construa sua própria identidade feminina. Devido à carência de pesquisas que se destinem a estudar evidências de renovação na obra de Machado, este trabalho baseia-se na análise dos diálogos das personagens e através da pesquisa bibliográfica, e busca a compreender os indícios de ruptura com a tradição literária que se tornam evidentes na escrita de Machado, enveredando pela descrição do contexto histórico da literatura infantil, compreendendo as características de Machado, estudando a tradição de personagens questionadoras e, por fim, analisando a constituição das personagens principais do livro. Para isso, nos respaldamos nas teorias de alguns autores como Arroyo (2011), Cademartori (1992), Coelho (1993), Machado (1983), Silva (2009) e Zilbermann (2003).

**Palavras-chave:** Literatura Infanto-Juvenil. Ruptura. Tradição Literária.

## **ABSTRACT**

The study of the theories and understanding of traditional culture circulating the grounds of the Young children's Literature furthers understanding of various constituents evidence in the first texts directed to children. The moralizing power, the imposition of rules and behavior model to be followed by the child-reader are the essence of the tradition of this literature. But as the literature over the centuries began to gain a new function, leaving aside the educational power that constitute and not totally excluding the authors of the twentieth century are betting on a different way of writing. It is in this context that literary renewal of the book *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) Ana Maria Machado is inserted. His female characters are prepared in accordance with the exchange of dialogue involving the generations of discussions (past, present and future), in which behavioral teachings coming from the great-grandmother Beatriz are faced with the personality of the great-granddaughter Isabel and, later on, are reinforced by Neta Beta thoughts. These dialogues are critical to the narrator-character Isabel build your own feminine identity. Due to the lack of research are to study evidence of renewal in Machado's work, this work is based on the analysis of the dialogues of the characters and through the literature, and seeks to understand the rupture of evidence with the literary tradition that become evident in the writing of Machado, embarking the description of the historical context of children's literature, understanding characters of Machado, studying the tradition of questioning characters and, finally, analyzing the constitution of the main characters in the book. For this, we support the theories of authors like Arroyo (2011), Cademartori (1992), Coelho (1993), Machado (1983), Silva (2009) and Zilbermann (2003).

**Keywords:** Young children's Literature. Break. Literary Tradition.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	2
<b>CAPÍTULO I</b> .....	4
1. Ciranda da literatura brasileira .....	4
1.1 Histórico .....	4
1.2 A literatura infantil brasileira e o “boom” de 70 .....	7
1.3 Ana Maria Machado .....	10
<b>CAPÍTULO II</b> .....	14
2. Personagens: Princesas, bonecas, meninas .....	14
2.1 Tradições de personagens questionadoras .....	14
2.2 Atualidade das discussões sobre o gênero .....	17
<b>CAPÍTULO III</b> .....	21
3. Trança de Gente .....	21
3.1 Isabel (Bel) .....	22
3.2 Beatriz (Bia) .....	30
3.3 Neta Beta .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## INTRODUÇÃO

A literatura Infanto-juvenil, em geral, teve sua base fundamentada em conceitos pragmáticos com o objetivo de instituir regras através de um enredo fantasioso, com modelos comportamentais que devem ser seguidos pelas crianças. Desse modo, a leitura era direcionada para o campo pedagógico e moralizante, deixando o entretenimento e o prazer da leitura fora de curso. No Brasil, essa literatura foi renovada a partir das obras de Monteiro Lobato, inicialmente com *A menina do narizinho arrebitado* em 1921, livro em que o contexto fantasioso e as construções das personagens permitiam um enredo divertido e livre de propostas educacionais.

A elaboração das personagens das obras de Lobato, principalmente em relação à personagem da boneca Emília, apresenta uma nova visão acerca dos conceitos construídos tradicionalmente pela literatura. Os contos de fada, por exemplo, presavam por princesas comportadas, submissas, dependentes da família e que tinham como prêmio pelo bom comportamento, um casamento bem sucedido. Já Emília, uma boneca que ganha vida, se caracteriza como a independência feminina, visto que é uma personagem questionadora e que não omite seus desejos e verdades. É nesse sentido, portanto, que o cenário da literatura infanto-juvenil brasileira começa a se emancipar. Monteiro Lobato foi o responsável por iniciar essa linha inovadora; novos autores principiam suas obras embaladas pelo ritmo que esse grande escritor engrenou. Ana Maria Machado é uma de suas grandes percussoras.

Machado imprime em seus livros um jeito novo de constituição da literatura e em seu livro, *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), deixa indícios acerca de uma nova proposta para os perfis de suas personagens. Rompendo com o modelo das princesas, esse livro apresenta uma história fantasiada através da voz da narradora-personagem Isabel que, em diálogos, apresenta o universo feminino, perpassando pelo passado representado pela bisavó Beatriz, o presente por Isabel e futuro por Neta Beta, tempos em que é narrada a novela de Ana Maria Machado. É por meio desse vínculo entre gerações que as características de Isabel são apresentadas. Trata-se de uma menina em fase da pré-adolescência, se mostra independente, possuidora de pensamentos críticos, personalidade forte, estes atributos são os mesmos que compõem a essência da boneca Emília, que busca construir sua própria identidade feminina.



Observando o texto de Ana Maria Machado na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil, a qual tivemos a oportunidade de realizar um artigo analisando a perspectiva geral de *Bisa Bia, Bisa Bel*, percebeu-se que a elaboração das personagens aponta indícios de ruptura com a tradição literária. Por isto, torna-se complementar analisar essas personagens femininas do livro, devido a escassez de trabalhos direcionados especificamente a este viés. Nesse sentido, faz-se necessário a seguinte indagação: Quais as representações de ruptura com a tradição literária infanto-juvenil na novela *Bisa Bia, Bisa Bel*?

Desta forma, este trabalho tem o intuito de analisar o livro de Ana Maria Machado, buscando compreender os indícios de uma nova perspectiva para a literatura infanto-juvenil contemporânea na escrita da autora, detendo-se em descrever o contexto histórico-cultural da literatura infantil e o momento em que essa literatura adquire uma nova postura; entender o processo de escrita e as características de Machado; estudar a tradição das personagens questionadoras, como também o novo perfil das personagens meninas; e analisar a constituição das três personagens principais do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* e como elas podem representar a nova constituição da literatura infanto-juvenil.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica seguida de análise, o presente trabalho se propõe a averiguar o processo de ruptura presente na escrita de *Bisa Bia, Bisa Bel*, através da leitura e releitura do livro de Ana Maria Machado, compreensão de leituras complementares acerca da formação da literatura infanto-juvenil, literatura brasileira e textos que abordam a intenção pedagógica explícita em livros/textos direcionados para crianças. O texto se fundamenta nas discussões já existentes sobre literatura infanto-juvenil e tradição literária. A análise se dará por recortes do livro citado, observando as vozes de Isabel, Beatriz e Beta, seguida de discussão e indicações que representam a renovação da literatura infanto-juvenil no texto de Machado, contribuindo, portanto, para o arsenal de trabalhos voltados para as obras da autora citada.

Este trabalho é constituído por três capítulos, sendo eles: 1. Ciranda da literatura brasileira; 2. Personagens: Princesas, bonecas e meninas; e 3. Isabel, Beatriz e Beta, este último é formado pela análise de dados.

Nesse sentido, o primeiro capítulo se encarrega de apresentar o contexto histórico da literatura infanto-juvenil, traçando o percurso inicial desta literatura, os conceitos

tradicionalmente construídos, explicando o poder moralizante presente nos textos para crianças. Em seguida, o tópico *A Literatura Infantil Brasileira e o boom de 70* é direcionado para contextualizar a literatura infantil brasileira, destacando as obras de Monteiro Lobato, a ruptura com a tradição literária e esmiuçando o que foi o chamado *boom de 70*. Este capítulo trata de expor, ainda, a carreira de Ana Maria Machado, suas obras, prêmios e características de escrita, informações essas que contribuem para a compreensão e análise do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*.

O segundo capítulo, *Personagens: Princesas, bonecas e meninas*, se dedica a abordar o contexto feminino representado por personagens utilizadas pela literatura infanto-juvenil, perpassando pela formação das personagens dos contos de fadas, apresentando suas características e o seu papel em textos oferecidos para o público infanto-juvenil; a formação da personagem boneca Emília e seu tom questionador, até chegar a atual e renovada personagem menina, que não necessita de representações para desempenhar o seu papel, já que ela mesma assume sua identidade e se situa no contexto literário.

O terceiro capítulo, *Isabel, Beatriz e Beta*, se destina a analisar essas três personagens, com recortes de suas falas, observando o diálogo travado por elas, buscando perceber os indícios de renovação da literatura infanto-juvenil. A tradição por parte da bisavó Beatriz e a renovação através de Isabel e Beta.

Com base no que os capítulos acima descritos abordarão, a pesquisa se embasará nas teorias de Arroyo (2011), Cademartori (1992), Coelho (1993) e Zilbermann (2003), a fim de compreender o processo que está implícito e explícito na literatura infanto-juvenil brasileira e na renovação desta, bem como em Silva (2009), Lajolo (1983) e Carvalho (2004), que possuem trabalhos específicos voltados à Ana Maria Machado e suas obras, como também artigos direcionados apenas ao livro em análise *Bisa Bia, Bisa Bel*.

## CAPÍTULO I

### 1. Ciranda da Literatura Brasileira

A literatura infanto-juvenil passou por algumas modificações até chegar ao conceito renovador que conhecemos atualmente. Por isso, é importante esboçar um percurso histórico acerca dos textos direcionados para crianças, procurando apontar as características mais pertinentes e as modificações que a literatura sofreu no contexto social, educacional e familiar. Este capítulo se propõe, portanto, a explicar os acontecimentos que ocorreram no campo da literatura infanto-juvenil até alcançar a chamada ruptura com a tradição literária.

#### 1.1 Histórico

A produção de livros voltada para crianças é enlaçada a algumas perspectivas importantes. Dentre elas, destacam-se duas vertentes principais: a Literatura Infantil como método educativo ou como instrumento para entretenimento e ampliação cultural. A primeira diz respeito à elaboração de livros por adultos, que geralmente é perpassada por aquilo que se quer ensinar. Ou seja, o adulto, que possui experiências a serem transmitidas, escreve utilizando recursos narrativos para alcançar o seu objetivo. No que se refere à segunda vertente, pode-se defini-la como a reformulação da primeira, pois os livros infantis não são mais tidos como pretextos para o intuito pragmático/pedagógico, mas como um elemento para desenvolver o entretenimento e expansão cultural da criança, já que o método educativo limita o espaço para a fantasia e, principalmente, para personagens que fogem dos moldes tradicionais da literatura infantil. É válido ressaltar que, mesmo depois da reformulação literária que será abordada adiante, o fator pedagógico não é totalmente eliminado dos livros direcionados para crianças. Soriano *apud* Coelho (1993) nos explica que

Ela pode não querer *ensinar*, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem e mais especificamente da aprendizagem lingüística. O livro em questão, por mais simplificado e “gratuito” que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem *codificada que ele deve decodificar* se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. [...] Se a infância é um período de aprendizagem, [...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica. A literatura infantil é também ela necessariamente pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece, mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento, pois a mensagem que ela transmite então é a de que não há mensagem, e que é mais importante o divertir-se do que preencher falhas (de conhecimento). (1993, p. 27).

A essência dos textos infanto-juvenis, para Soriano, possui necessariamente o intuito pedagógico, embora os novos textos insinuem uma nova postura, focando no entretenimento, ela permanece com o teor pragmático. Essa explicação de Soriano tem apoio na própria constituição da literatura voltada para as crianças que começou a ser determinada em meados dos séculos XVII e XVIII, contexto em que, antes do modelo de família burguesa, a fase da infância era omitida, isso implica afirmar que a criança não era dissociada do adulto por possuir uma faixa etária e espaço diferente deste. Com a necessidade de uma nova constituição familiar, em que os vínculos de afetuosidade necessitaram se tornarem evidentes, é que a criança passa, então, a possuir seu próprio espaço, em que seus limites começam a ser respeitados e a sua valorização, no que diz respeito à educação, se torna mais efetiva, já que a partir desse período a escola é reformada e a literatura que é direcionada para a infância é inventada, tendo em vista que a criança agora é um indivíduo que necessita de um método educativo diferente daquele que era utilizado. Para Zilberman (2003),

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformulada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2003. p. 15)

Sendo assim, não poderia ser qualquer tipo de literatura que daria conta da nova dimensão intelectual que o universo infantil estava inserido. A produção da literatura infanto-juvenil que possui um viés pedagógico e moralizante, não corresponde a nova perspectiva do universo infantil. Embora os aspectos do lúdico e fantasioso estejam presentes, o objetivo didático é o mais relevante nessa fase de produção inicial. Ainda, para Zilberman (2003), essa formulação se conserva, até hoje, com o intuito pragmático e prejudica, muitas vezes, a “aceitação da arte como arte”, já que essa literatura está inserida no contexto do ensino.

A literatura está diretamente associada a instituição escolar, sendo esta a principal responsável por apresentar normas que devem ser seguidas pelos infantes e, também, é aquela que proporciona opções de leituras para a criança, a fim de formá-los adultos e de protegê-los do universo exterior da instituição. Como se trata de um ambiente fechado, muitas vezes, a escola é implicitamente um órgão que separa as crianças da sociedade e da família, já que esta não acompanha o aluno até a sala de aula. Neste local, são colocadas em um mesmo nível intelectual umas com as outras, mas

sempre abaixo do mestre. É, de certa forma, contraditório afirmar que, embora em um meio social como deveria ser a escola, as crianças fiquem a par da sociedade, como nos explica Zilberman (2003)

Em vez de um convívio social múltiplo, com pessoas de variada procedência, reúne um grupo homogeneizado porque compartilha a mesma idade; e impede que se organize uma vida comunitária, já que todos são obrigados a ficar de costas uns para os outros, de frente apenas para um alvo investido de autoridade – o professor. (ZILBERMAN, 2003. p. 21)

Com base nessa explicação, fica claro, portanto, que por muitas vezes a escola não investe no caráter social, visto que a normatização é a questão predominante nesse contexto. O seu papel, de fato, deveria garantir, através da educação, a continuidade da vida social, a validação de seus costumes e crenças, por meio de valores transmitidos dos adultos para as crianças (Cademartori, 1992, p. 42). A escola é o meio em que a manipulação do aluno se torna mais gradativa, apresentando suas normas e métodos, mas a formação do indivíduo não se dá apenas no plano da instituição. Como já foi visto inicialmente, a literatura infantil é outro recurso que tem, ou pelo menos tinha, a ocupação de propor normas de cunho didático.

Produzida através do ponto de vista adulto, a literatura infantil não considera os interesses da criança, então a obra literária reproduz o universo adulto, a intenção do autor, utilizando recursos próprios – por meio do narrador que reprime a postura de um personagem, pela transferência de valores comportamentais, por punições-, maquiando a obra, mas deixando marcas da intenção pedagógica. E, inserir essa literatura em sala de aula faz com que a intenção se torne mais evidente. As crianças são encaminhadas, por meio da fantasia, para o nível de doutrinação, com o que se deseja que elas se tornem. Sendo assim, Cademartori (1992, p.42) afirma que “a pedagogia estabelece suas tarefas: um sujeito a formar, um desenvolvimento a favorecer, um conhecimento para transmitir”.

Assim, a produção inicial de livros e textos direcionados para crianças possuía características que divergiam do que, atualmente, conhecemos por Literatura Infanto-Juvenil, ou seja, o que hoje é produzido com intuito de fazer com que as crianças tenham contato com a arte e cultura, antigamente era permeado por ideais didáticos e moralizantes, com um forte apelo pedagógico. Essas características permaneceram durante um bom tempo em textos lidos por crianças, porém, no período entre os anos 60

e 80 marcado pela renovação dessa literatura, o caráter deixa de ser pedagogizante e passa a ser humanizante. Nesse sentido, Abade (2013) nos afirma que

Segundo Edmir Perrotti, é a partir dos anos 60, na Europa, que o conceito utilitário sofre abalos consideráveis, já que a literatura infantil deixa de ser moralizante e de caráter pedagogizante e passa a ser humanizante (não utilitário). Ainda afirma Escarpit *apud* Perrotti (1986, p.28) que uma produção para crianças começa aparecer com critérios estéticos menos utilitários e é chamada de “utilitarismos às avessas”. (ABADE, 2013, p.7)

## 1.2 A Literatura Infantil Brasileira e o “boom” de 70

A Literatura Infantil Brasileira surge no final do século XIX e que, a partir da Proclamação da República, busca se modernizar. Para isso, deposita muitas expectativas na educação e, conseqüentemente, na Literatura já existente, conhecida pelo seu papel formador e como um dos agentes para essa transformação em busca da modernização. Sendo assim, o paradigma da literatura didática utilizada em Portugal é trazido para o Brasil, como também as traduções dos livros portugueses, já que não havia no Brasil, ainda, escritores dedicados para esse tipo de literatura. Arroyo (2011) nos afirma que este é um país de grande miscigenação e, por isso, recepções diferentes se deram em cada região, interferindo, portanto, na interpretação do texto através da cultura de cada povo. A partir do século XX, com Cruz e Sousa, ainda permeados, fortemente, pela cultura portuguesa, é que a Literatura Brasileira começa a fazer suas próprias traduções e a produzir para crianças. É nesse período, também, que se destaca no Brasil, a Literatura Escolar que surge em divergência da chamada Literatura Infantil. A fim de nos explicar a diferença entre essas vertentes, Arroyo (2011) nos afirma que

Saliente-se, não poucas vezes, a fim de evitar confusões possíveis na problemática da formação da literatura infantil brasileira, que a literatura escolar não deve, nem pode, ser confundida com a literatura infantil propriamente dita. Esta possui características próprias, com determinada significação, com valores próprios e em torno dos quais os maiores especialistas nos países europeus pouco divergem. É fácil recolher os conceitos expandidos por esses especialistas nos países europeus em que a literatura infantil não sofreu nas contingências formadoras que se observam no Brasil. País novo, colonizado aos poucos e com muito sacrifício, o mais das vezes sofrendo processos morosos e difíceis de adaptação e assimilação junto as novas correntes culturais trazidas pelos imigrantes e nascidas da própria miscigenação interna, a literatura infantil nele se encaminhou por fases bem definidas e preferencialmente divorciada do condicionamento de suas correspondentes na Europa. É verdade que muitos livros para crianças, como o de Fénelon, tivera a princípio um espírito eminentemente didático. Mas foram exemplos isolados que não se caracterizaram por processos definidos. (ARROYO, 2011. p. 230)

Arroyo (2011) ainda esclarece que após o período de tradução e adaptação dos contos maravilhosos de Perrault, Grimm e Andersen no Brasil, as produções iniciais nacionais foram formadas na passagem do século XIX ao XX, tendo destaque nesse período a obra “Contos da Carochinha” (1896) de Figueiredo Pimentel. O contexto brasileiro nessa época valorizava, principalmente, as questões de religiosidade, nacionalismo, moralismo e intelectualismo. Em 1920 é quando ocorre o grande pontapé na Literatura Infantil e Juvenil no Brasil, ganhando espaço no novo cenário literário, fugindo das diretrizes pedagógicas tão evidenciadas pela tradição da literatura infantil. Sua formação se deu com Monteiro Lobato, a partir da criação de “*A Menina do Narizinho Arrebitado*” em 1921, que em seguida se tornou em “*Reinações de Narizinho*”. Com o nascimento do século XX, em que o Brasil já possuía independência econômica, livros infantis começam a ser publicados valorizando as características da terra e cultura nacional, a saber, o livro de Alexina Magalhães “*Os nossos brinquedos*”.

O rompimento com o viés didático se dá a partir da década de 1920 e adquire novas características, como a ruptura dos padrões tradicionais, fazendo surgir uma nova literatura, que se torna referência no âmbito Brasileiro, quebrando com a noção de tempo e espaço, criando narrativas com mundos paralelos, enquanto a linguagem tende a ser um recurso fantástico e de imaginação.

A década de 30 envolve a grande preocupação com a escolarização, fazendo surgir a propagação da leitura, possuindo, ainda, resquícios da preocupação com a imposição de valores morais. Nesse período, também, houve o surgimento de histórias em quadrinhos e a variação de temas se expandia. O gênero novela se torna evidente e assuntos como narrativas policiais e de aventura começam a ganhar destaque.

É nesse contexto que surge uma nova visão acerca da Literatura Infantil, em que alguns autores começam a fazer parte de um grupo que firma a tentativa do rompimento com a tradição literária e renovação da mesma, escapando do utilitarismo e, ainda, segundo Abade *apud* Perrotti (1986, p. 131), uma nova visão no que se refere a: “a) da criança criativa; b) de comportamentos divergentes; c) do questionamento das relações de poder existentes entre adultos e crianças; d) da mulher como ser ativo; e) do espírito indagador, crítico; f) da mudança nas relações sociais.” (Abade, *op.cit.*).

A partir dessa mudança, explode o chamado *boom de 70*, em que algumas produções, apenas daqueles que se enveredaram pelas trilhas lobatianas, já possuem características da nova literatura infantil. Também, com o fortalecimento das editoras no Brasil e o forte investimento do Estado, milhões de livros são vendidos para as escolas, com intuito paradidático e, também, com o apoio ao incentivo da leitura, há a expansão da produção pelo lado cultural infantil e que desvinculada da escola, se afirma como produção literária, encontrada em bancas de jornal, como a conhecida revista *Recreio*.

Nesse âmbito, a produção de livros para crianças possui novas propostas e interesses, incluindo, principalmente, a preocupação pelo incentivo a leitura. Com isso, é válido destacar que a produção da Literatura Infantil passa a ser destinada ao interesse e prazer do leitor criança. O leitor criança não deve ser apenas o receptor de uma formação explícita nas páginas de um livro, ele deve fazer interferências pessoais no que diz respeito ao conteúdo/tema, selecionando o que lhe é pertinente ou não. Para isso, Meireles (1984) afirma que

[...] Em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo à crítica - da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não. Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente para ela e outro que não o foi, venha a preferir o segundo. Tudo é misterioso, nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar. Meireles (1984, p. 30).

Assim, é a criança que possui o poder da escolha e de validação do livro. Ela que tem o poder de aceitar ou recusar aquilo que lhe é oferecido. A tentativa do rompimento com a função pedagogizante não significa que a Literatura Infantil irá produzir todos os livros essencialmente relevantes para as crianças, afinal, os interesses são subjetivos e os resquícios da tradição literária ainda se fazem presentes na nova formatação, oriunda a partir de 1920 com Lobato. Com a sua morte, a década de 70 foi marcada por autores



que compõem essa nova geração, mais preocupados com a Literatura Infantil e a formação do leitor, abandonando as historietas moralistas e de contos de fadas, como Ruth Rocha, Lygia Bojunga, Joel Rufino dos Santos e Ana Maria Machado, que buscam novas estratégias para a percepção da nova criança, um ser crítico e emancipado. O alcance de novos horizontes passa a ser direcionado pelo caminho mágico e fantástico, deixando de lado a alienação e fazendo com que os leitores desenvolvam suas próprias expectativas a partir da leitura de livros.

### 1.3 Ana Maria Machado

A escritora brasileira, Ana Maria Machado, nasceu em 24 de dezembro de 1941 e teve, com apenas 9 anos de idade, seu primeiro texto publicado em 1950, na revista *Folclore* do Espírito Santo. Em 1964 conclui o curso de Letras Neolatinas da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Começa a dar aulas de Teoria Literária e Literatura Brasileira em 1968 e, no ano seguinte, escreve histórias infantis para a editora *Abril*. Viaja para a Europa em 1970 e permanece até 1974, pois estuda e trabalha. Defende sua tese de doutorado sob a orientação de Roland Barthes e G.Genette intitulada: “Leitura de Guimarães Rosa à Luz do Nome de seus Personagens.” De 1973 até 1980 colabora como crítica de espetáculos infantis para o *Jornal do Brasil*. Em 1977 publica seu primeiro livro *Bento-que-Bento-É-o-Frade* e recebe um prêmio por seu texto *História Meio ao Contrário* no concurso *João de Barro* e que, em 1978, ganha outro prêmio, *o Jabuti*. No ano advindo, abre a editora *Malasartes* especializada em literatura infantil. A partir daí, coleciona prêmios importantes como o *Prêmio Casa de las Américas*, *Hans Christian Andersen* e agraciada com a *Ordem do Mérito Cultural*.

Os livros de Machado não são direcionados apenas para crianças, os quais possuem várias traduções e um número expansivo de vendas. A autora escreve, também, para adultos, principalmente, romances. Entre eles estão *Alice e Ulisses* (1984), *A audácia dessa mulher* (1999), *Pra sempre* (2001) e, também, uma biografia *Esta Força Estranha* (1998).

Machado é conhecida pela preocupação com a realidade histórica e social do Brasil e faz com que esse conhecimento não sobreponha o mundo do imaginário infantil. A escritora reconhece a criança como um ser inteligente e crítico e, por isso, suas obras são sempre direcionadas para a expansão do universo fantasioso da criança,

estimulando sua liberdade e se apoiando em uma linguagem que o lúdico se faz presente. Para isso, Lajolo (1983) afirma

Se o extrato musical de sua linguagem atrai esta mesma linguagem para um pólo lúdico, de gratuitos jogos poéticos, ele é também reforçado pelas freqüentes alusões a poemas e canções, narrativas orais e cantigas de roda que, pontilhando o texto de Ana Maria, impregnam-no de manifestações culturais de forte tradição popular. (LAJOLO, 1983.p.105).

Fica claro, portanto, o interesse de Machado em perseverar as tradições da cultura, utilizando o jogo da linguagem para esse intuito. A grande preocupação em “desliterarizar a literatura infantil”, fazendo com que a linguagem se aproxime mais do oral, do coloquial e do cotidiano, é a tentativa de aproximação total com a criança, com o seu universo. Isso não significa dizer que a autora não dá importância devida à linguagem, pois se aproximar da criança utilizando recursos lingüísticos requer um trabalho rebuscado.

Sabemos que durante muito tempo as obras infantis se apoiaram na tradição temática, nos contos de fadas, em que a presença de madrastas, príncipes, vilões, caçadores, dragões eram constantes, em que as traquinagens das crianças eram sempre castigadas e, no tocante à obra infantil de Ana Maria Machado, escritora que ganha importância em meados do “*boom de 70*”, percebemos a tentativa de ruptura com a tradição literária através de suas obras. A autora se apóia em algumas características presentes na obra de Monteiro Lobato, como a presença de várias personagens questionadoras. Para isso, Lajolo (1983) nos esclarece que

Em relação à tradição nota-se, nos textos de Ana Maria Machado, dois movimentos: fica claro, de um lado, que o projeto da escritora tem muito a ver com o projeto lobatiano de renovação na literatura infantil brasileira; de outro, fica igualmente patente seu esforço de ruptura com o que se poderia chamar de tradição alienante e/ou escapista da literatura voltada para crianças. (op.cit. p. 102).

Essa literatura que Machado tenta renovar através de sua obra é a literatura de cunho moralístico-pedagógico, isso ocorre principalmente na sua primeira fase. Esses aspectos explorados pela educação através da literatura consistem em acreditar que, pelo o processo educativo literário, o indivíduo se modifica e, conseqüentemente, o seu contexto social, pois a escola oferece condições pelas quais o indivíduo se realiza sem entrar em choque com a organização social. O processo educativo é algo que se faz

presente, embora mais sutilmente, após a ruptura com a tradição, na grande maioria de livros literários direcionados para crianças e adolescentes.

Essa tentativa de renovação abre caminhos para novas denominações e definições acerca da literatura para crianças. Sendo assim, o conteúdo que interessa o leitor definido por Meireles (1984, p. 20) passa a ser aquele em que “São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer.” Não se trata, portanto, da Literatura Geral chamada por Meireles (1984), mas de uma Literatura produzida para criança, tendo esse leitor como principal responsável pelas suas escolhas temáticas e conhecimento de mundo de acordo com suas influências culturais.

No que se refere à preocupação com as questões sócio-políticas e econômicas, Ana Maria, assim como a proposta lobatiana, não as deixam à mercê do contexto da Literatura Infantil. Lajolo (op.cit.) apresenta um fragmento de depoimento de Machado o qual confirma essa ideia:

Da inserção de seus textos na tradição herdada de Lobato, a própria Ana Maria dá seu depoimento, definindo sua geração como “um bando de gente grande e que cresceu lendo e vivendo o universo lobatiano foi virando gente grande e começou a mostrar as marcas disso – justamente essa capacidade de não isolar a fantasia do real. Claro que sabemos, como Lobato, que o faz-de-conta é um lado da realidade tão concreto quanto outros aspectos mais tangíveis. (...) Mas também sabemos, como Lobato, que os problemas políticos, econômicos e sociais do mundo em que vivemos não são cortados do universo infantil. Ele discutiu a campanha pelo petróleo, a guerra mundial e outras questões de seu tempo. Nós trazemos nossas preocupações contemporâneas para dentro do que escrevemos.” (LAJOLO, 1983.p.102).

Os moldes difundidos tradicionalmente na Literatura Infantil não são encontrados nos livros de Machado, pelo contrário, parece que a autora os toma como modelos que não podem ser seguidos. Seus personagens, na grande maioria meninas, são inquisidoras, espertas, travessas e críticas, o que implica, diretamente, na questão do gênero. Os textos de Ana Maria quebram o fator ideológico tão amplamente visto no discurso pedagógico, em que as meninas devem seguir um padrão moral, dependente, e os meninos precisam se apresentar como independentes e, por vezes, como “heróis”. As meninas fantasiadas pela autora, por hora, mantêm riscos da tradição voltada às culturas, o que Lajolo (1983) chama de “culturas alternativas”, mas essa tradição não se constitui em um modelo a ser seguido, ela está direcionada para a cultura

social/nacional, com a presença de índios, mulheres, crianças emancipadas e trabalhadores.

## CAPÍTULO II

### 2. Personagens: Princesas, bonecas e meninas

Com o percurso feito sobre a história e a cultura que estão intrínsecas na Literatura Infanto-Juvenil, as características e as formações das personagens são os critérios que mais enfatizam a essência e a intenção de textos para crianças. Por isso, se fez necessário estudar acerca da formação e tradição das personagens presentes nos primeiros textos dessa literatura, enfatizando os modelos de princesas, até chegar a autonomia da personagem de Monteiro Lobato, a boneca Emília e a elaboração de personagens meninas independentes e questionadoras.

#### 2.1 Tradições de personagens questionadoras

Os contos de fadas, que possuem origem oral, começaram a ser escritos na França no final do século XVII por Charles Perrault e eram direcionados para adultos, já que não existia literatura voltada para crianças. A partir das reescrituras deles, e com a implementação da fantasia e do contexto maravilhoso, os textos passaram a ser lidos por crianças, tornando-se, portanto, um gênero dirigido para tal público.

Sabe-se, contudo, que na Literatura Infantil em sua fase inicial, mais especificamente nos contos de fadas, a mulher tem sua representatividade muito demarcada no que compete ao seu papel na sociedade, ou seja, os textos descreviam as personagens como elas realmente se destacavam naquela época. A submissão da mulher, a característica mais presente nos textos, é representada através da construção de princesas que, geralmente, eram bondosas, meigas, piedosas, sofriam por algum problema e que, sendo incapazes de solucioná-los sozinhas, esperavam por um herói para solucioná-los. Miguel explica que “príncipes e princesas estão ligados a aventuras, e são transgressores. A princesa é caracterizada por sua função social ligada ao cuidar da casa e da família, são bonitas, honestas, e piedosas, e por isso merecem como prêmio seu príncipe encantado.” (Miguel, 2004. p.2).

A Literatura Infantil traz consigo uma grande carga de moralismos e questões sociais que permearam e continuam, ainda que pouco, permeando os dias atuais. Entre elas a característica de que as personagens que interpretam princesas seguem à risca os fatores morais que eram impostos no tempo de sua escrita ou edição, inclusive, como visto no capítulo anterior, o poder pedagógico e de formação existentes nessa literatura,

fatores que eram fundamentais para ditar normas e fazer com que o leitor-criança tome os exemplos dos personagens do livro como algo a ser seguido. Sendo assim, o personagem é o elemento do texto que tem a pretensão de fazer com que o leitor se inspire nas ações realizadas para tomá-las como exemplo. Sobre a constituição da personagem e sua função, Coelho (1993) afirma

Personagem é a *transfiguração de uma realidade humana* (existente no plano comum da vida ou imaginada em algum lugar) transposta para o *plano da realidade estética* (ou literária). Não há ação narrativa, sem personagens que a executem ou a vivam. A personagem é o elemento decisivo da efabulação, pois nela se centra o interesse do leitor. Adultos ou crianças, todos nós ficamos presos àquilo que *acontece* às personagens ou àquilo que elas *são*. (COELHO, 1993.p. 70).

Nesse fragmento de Coelho, a autora deixa nítido que o papel da personagem é o da identificação com o seu leitor, o quanto este espera daquele e o quanto aquele corresponde às expectativas deste. Ainda no que concerne à formação do personagem, Coelho aponta a classificação de três tipos presentes na narrativa: *Personagem tipo, caráter e individualidade*. O personagem individualidade, mais recorrente na ficção atual, “revela-se ao leitor, através das complexidades, perplexidades, impulsos e ambiguidades de seu mundo interior. Personagem interiormente dinâmica, ela é revelada ao leitor, em seu comportamento psicológico profundo (Coelho,1993. p. 72).” Essa classificação de personagem apresentada por Coelho é tão complexa que sua compreensão exigiria um leitor proficiente, porém essa exigência foi modificada com o novo cenário que se desenhava na literatura infantil brasileira já com a obra “*Narizinho Arrebitado - 1921*” de Monteiro Lobato.

Este novo cenário foi resultado da renovação da tradição literária bem como, é importante ressaltar, das revoluções em prol dos direitos da mulher na sociedade. É sabido que as reflexões acerca do Feminismo, movimento que aponta as desvantagens da mulher na sociedade, advém do Iluminismo, mas algumas de suas reflexões só alcançaram sua conquista mais de 300 anos depois (Dória, 2008). E, com influências dessas reflexões, o panorama da literatura também é modificado. A personagem Emília de Lobato é o primeiro exemplo no Brasil da nova constituição da sociedade. A boneca é o oposto das princesas dos contos de fadas. É uma *personagem individualidade* que é questionadora, que foge das convenções e é bem-humorada. Analisando Emília, que

ganha grande destaque por seu perfil questionador, fugindo, portanto, dos moldes convencionais da literatura pedagógica, Coelho (1993) destaca que

Com a intenção de valorização, vemos o espírito de líder que caracteriza a boneca, sua ascendência “mandona”, mas brejeira, sobre os que convivem com ela ou ainda a obstinação com que ela sabe querer as coisas ou como mantém seus pontos de vista ou opiniões. Positiva é também sua incessante mobilidade, o seu fazer coisas, sua curiosidade aberta para tudo ou a fraqueza rude com que ela manifesta sua crítica aos “erros” ou “tolices” dos que a rodeiam ou da nossa civilização. (COELHO, 1993.p.127-128)

Lobato imprime em uma boneca indicações de uma personagem feminina que tem vez e voz. É ela quem determina várias situações na narração, ocultando parcialmente, a presença das crianças – Narizinho e Pedrinho – por possuir uma postura que foge da situação de submissão que as mulheres daquela época eram impostas.

É, também, em “*Narizinho Arrebitado*” que Monteiro Lobato proporciona a Literatura Infantil Brasileira a presença de personagens crianças independentes, aventureiras, criativas, capazes de solucionar problemas e com grande sagacidade no que diz respeito as críticas e questionamentos, além surgirem com algumas rebeldias. Esse novo panorama de textos infantis iniciado por Lobato apresenta, conjuntamente, a convicção, por parte do autor, da ineficácia da escola. Em seus textos, a escola sempre fica distante do sítio, porém as crianças possuem alto nível de inteligência, pois estão sempre em contato com a leitura e com as experiências das aventuras. Esse é o grande pontapé que a Literatura Infantil Brasileira teve para se distanciar do rigor pedagógico tão presente em leituras para crianças.

O grande legado de Lobato proporcionou para os novos escritores brasileiros, àqueles que aderiram sua visão, escolhas de personagens criativos e astuciosos quanto seus personagens. Ana Maria Machado seguiu os passos desse novo olhar para os textos infantis e implementou em suas obras a visão questionadora tão presente na obra de Lobato.

É, também, nas obras de Machado que se percebe o oposto das histórias “Era uma vez”, presente nos contos de fadas, e que marca, também, o objetivo de ruptura literária tão presente nessa autora. A construção do universo feminino desdobrado por meio da construção de suas personagens, em que as suas identidades próprias são construídas, em que a mulher deixa de ser submissa e obtém seu espaço. Como representante fiel do final do século XX, Machado retrata em suas obras as distintas

faces e valores da cultura ocidental desse período histórico e que está diretamente ligada às questões de gênero.

### 2.3 Atualidade das discussões sobre o gênero

O papel da mulher na sociedade atual pouco tem em comum com algumas décadas atrás. A tradição preservava uma perspectiva em que a mulher não possuía direitos sobre os bens de seus maridos, bem como eram exclusas do campo de trabalho e do direito ao voto, além de questões culturais herdadas acerca da postura de uma dama: a dona do lar, aquela que tem a função de organizar a casa, cuidar dos filhos e de questões pertinentes aos escravos/empregados. Cerca de 300 anos após as ideias advindas do Iluminismo, é que as mulheres começaram a ser inseridas no campo de trabalho, em condições desfavoráveis em relação aos homens. Como método de afastá-las do âmbito do trabalho, além do pensamento que perpetuava naquela época e que pregava por uma relação de dominação, normas com medidas “cautelosas” para as mulheres foram instituídas e se fixaram como uma forma de afastamento do trabalho para que elas se tornassem totalmente submissas e para que seus ideais fossem omitidos, já que não tinham direito à voz. Santos explica que

Tudo indica que as relações entre os sexos eram, antes de tudo, relações de poder, e marcaram a história feminina, visto que as poucas mulheres que se permitiam alguma iniciativa que vislumbrasse horizontes de atuação fora dos limites domésticos encontravam sérios obstáculos para concretizar seu intento. Medidas de proteção em relação às mulheres tinham um único objetivo: mantê-las distantes do mundo do trabalho, para se dedicarem, exclusivamente, à perpetuação da espécie, cuidando da prole e do lar. (SANTOS, 2009, p.159)

A relação de poder que menciona Santos e a punição das mulheres que tentavam impor voz ativa em sua vida são critérios culturalmente construídos. Trata-se de uma perpetuação da tradição referente a oposição dos sexos. O feminino que deve se voltar aos cuidados domésticos e o masculino que sustenta o lar. É uma relação política que tem como objetivo fixar o pensamento do homem que deve ser o senhor do absoluto poder e, para culminar com essa ideologia, as normas que visavam a “proteção” das mulheres restringindo-as do trabalho fora de casa para que pudessem se dedicar exclusivamente ao trabalho do lar.

Com o passar dos anos, um cenário feminino diferente vai ganhando formas, com pontapé inicial em Nova Iorque, através de uma revolução feita exclusivamente por



mulheres em 8 de março de 1857, em que direitos trabalhistas eram reivindicados, tais como a redução na carga diária de trabalho, equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. A manifestação, porém, foi reprimida com total violência, levando a atear fogo na indústria com as mulheres dentro. Anos depois, o dia ficou reconhecido com o Dia Internacional da Mulher.

Embora não tenha sido o intuito inicial daquelas que reivindicaram seus direitos obter um dia exclusivo para homenagens, o ato das tecelãs proporcionou muitas conquistas, principalmente no que compete a valorização dos direitos humanos voltados às mulheres. É indiscutível que apenas a Revolução das tecelãs tenha sido fundamental para uma nova perspectiva feminina. A sociedade e a cultura sofreram inúmeras transformações para que a quebra de conceitos instituídos pela tradição fossem rompidos.

Com o passar dos anos, a mulher tornou-se autônoma, independente e as diferenças entre o gênero masculino e feminino passaram a serem amenizadas. A mulher, também, passou a ter direitos iguais assegurados pela lei. Conforme o Artigo 5º da Constituição Federal “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”.

Sendo assim, a igualdade deve ser respeitada e inviolada, além de ser uma garantia para que a mulher possa se posicionar diante a sociedade. É imprescindível que todos conheçam seus direitos – inclusive aqueles que muitas vezes não são aprendidos em casa – para que possam agir corretamente. A literatura pode ocupar esse papel de transferência de valores respeitando os limites dos leitores e formando pensamentos críticos acerca de sua realidade. Segundo Santos

Isso remete a pensar sobre a potencialidade da obra de arte como forma de reflexão sobre o ser humano e sua circunstância, auxiliando-o a ter mais segurança diante de suas próprias vivências. Para Lima (1969, p. 35) a obra literária “expressa uma visão articulada do tempo”, visão que oportuniza ao leitor “entendimento crítico da realidade. E quando dizemos crítico, pensamos em um ato que não se encerra em compreender, mas em atuar a partir dessa compreensão”. A literatura parece cumprir, assim, um importante papel, pois, enquanto diverte o leitor, proporciona-lhe caminhos que o levam ao autoconhecimento necessário à sua formação como ser humano, à organização de sua personalidade. Pela potencialidade de transgressão que lhe é inerente, a obra literária permite ao leitor um trajeto de entendimento que, possivelmente, não alcançaria se fosse privado desse processo. (SANTOS, 2009, p.157).

O livro de Ana Maria Machado comunga com esse pensamento através da personagem da bisavó Beatriz que representa essa postura tradicionalista e preconceituosa. A inserção dessa personagem tem um fator fundamental para o desenrolar da trama que é a ruptura desse pensamento por meio da narradora personagem Isabel. A menina apresenta a nova configuração da mulher, que possui voz ativa e que é detentora de seus direitos. O livro possui a essencialidade feminina como forma de fazer com que o leitor perceba essa nova roupagem do universo da mulher, desse gênero que é oriundo de atualizações e que vem ganhando espaço em todos os setores da sociedade. Segundo Silva (2009),

A condição feminina modificou-se radicalmente no século XX. A mulher deixou a passividade, a dependência e a submissão e impôs sua presença no lar, no trabalho e na sociedade, cobrando voz e reivindicando para si o mesmo espaço ocupado pelo homem. Essa nova mulher, que pensa, trabalha, tem opiniões políticas e preza sua independência pode ser encontrada na bibliografia da própria escritora e também nas histórias que cria. [...] A nova mulher e a nova estrutura familiar, que tanto mudaram a partir dos anos 60, podem ser observadas em boa parte das famílias ficcionais de seus livros *de Machado*, com mães que trabalham, com pais que conversam com os filhos, com casais que desfazem ou refazem uniões, com meninos que aprendem a conviver com padrastos e madrastas. A mãe de Bel, “dando uma geral” na casa bagunçada, em *Bisa Bia, Bisa Bel*, está bem longe do tradicional modelo de mãe-rainha-do-lar de tempos passados. (SILVA, 2009. p. 209). (Grifos nosso)

Esses são traços que marcam as obras de Machado e que, ainda relacionados com a questão da ruptura literária, se tornam fragmentos presentes. A nova mulher do século XX é ativa e trabalha, o que também nos leva a refletir sobre o aspecto da liberdade, a liberdade que se volta para “o agir” das mulheres que deixam de ser submissas e passam a ser ativas, a desempenhar um papel na sociedade. Sendo assim, a mulher vai construindo sua identidade própria, se emancipando, se autoconhecendo, e

que toma consciência da “liberdade de ser e de agir” (SILVA, 2009. p. 211). As questões de socialização da mulher e os modelos são propostos para um seguimento, em que o estereótipo de sua formação é colocado em evidência. Segundo Rocha-Coutinho (1994)

Desde sempre, em sua socialização a criança é colocada a desenhar atividades estereotipadas, forjando, paulatinamente, diferenças psicológicas e acentuando a assimetria entre os sexos. Assim, ao contrário dos homens, “as meninas eram encorajadas a serem dóceis, boazinhas, úteis, prestativas, cooperativas, cordiais, tolerantes, compreensivas, a não incomodarem as pessoas e a não dizer não”. Nessa dimensão, o sujeito feminino constitui-se sem discurso próprio, amorfo, repetindo estereótipos, construindo-se a identidade da mulher a partir da divisão entre público e privado, panorama em que se desenha, diversamente, o comportamento adequado ao homem e à mulher, cabendo a esta, aprender, muito cedo, a lição da desvalorização, que visa a sua sujeição à ideologia hegemônica. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.59).

Nesse fragmento, Rocha-Coutinho nos mostra como a criança é direcionada para construir um conceito sobre a formação da mulher, que deve ser oposta a formação do sujeito homem. Observamos que a mulher está sempre excluída das situações, sujeitadas a desvalorização em relação ao homem. Nesse sentido, Machado propõe, em suas obras uma nova postura da condição da mulher e, para Fontanella e Niederauer (2010), o retrato da nova postura que a mulher assume na contemporaneidade, agora, não mais alienada do que se passa a sua volta, com consciência de seu papel no presente, sem descartar o passado e, ao mesmo tempo, com o olhar no futuro.

### CAPÍTULO III

#### 3. Trança de Gente

O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (2001) de Ana Maria Machado, na versão Literatura em minha casa, 3ª edição pela Editora Moderna, é a fonte de estudos deste trabalho, pois constitui fragmentos que comprovam as teorias abordadas e, mais do que isso, apresenta a visão da autora acerca de suas convicções no que se refere à Literatura Infanto-juvenil contemporânea, já que possui “histórias originais e inovadoras que mesclam a realidade e fantasia, ao mesmo tempo em que revelam uma grande crítica a tudo aquilo que represente desmando, opressão e desrespeito às liberdades individuais e coletivas.” (CARVALHO, 2004.p.67)

Como já foi visto, a literatura de Machado é marcada pela forte influência em Monteiro Lobato, grande mestre da escrita acerca da transformação da literatura para crianças e um dos iniciantes a criar textos com o intuito de proporcionar prazer para as crianças, rompendo, portanto, com a leitura de cunho pragmático imposto pela tradição cultural. A autora que inicia sua carreira escrevendo textos para o público juvenil em fins de 1960 e que também fez parte do chamado “boom de 70”, tem seus livros lidos tanto pelo público jovem quanto pelo adulto. Esse fato se explica pela densidade de crítica social que compõe seus textos e que, desde então, ganharam grande repercussão e são até hoje importantes fontes para estudos. Sobre Machado, Carvalho (2004) nos afirma que

Mas, por mais diferentes que sejam suas histórias, elas apresentam sempre uma marca estilística inconfundível, que se resume no modo democrático e reflexivo como a autora se comunica com seus leitores, ao criar narrativas em que o discurso literário fica ao cargo de um narrador, muitas vezes onisciente, que se torna cúmplice do leitor, a exemplo do que fez Monteiro Lobato nos anos de 20 e 30; ou quando a narração fica sob a responsabilidade de um narrador-personagem, quase sempre uma criança ou jovem, que conta a história do seu ponto de vista. (CARVALHO, 2004.p.68).

O narrador-personagem a que Carvalho se refere é encontrado na personagem principal do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. Isabel, a narradora-personagem da novela que narra uma história fantasiosa de acordo com a sua perspectiva, apresentando os fatos e dando suas opiniões, muitas vezes, conflitantes nos diálogos trocados entre as personagens. Essa narração, por ser tomada de registros dos diálogos, tem uma aproximação considerável ao gênero Diário Pessoal, muito usado pelo público juvenil,

configurando, possivelmente, uma estratégia da autora para aproximar a realidade do leitor com o enredo fantasioso da sua obra. É importante acrescentar ainda a constituição da criança no livro de Ana Maria, totalmente emancipada. Isabel não discrimina os conselhos que lhes são transmitidos nas conversas com sua bisavó, ela apenas não aceita que eles lhes sejam impostos.

Com a finalidade de compreender tudo o que foi esmiuçado até aqui, serão analisadas as personagens Isabel, Beatriz e Roberta, bem como os fragmentos dos diálogos trocados entre elas, já que foram de fundamental importância para que Isabel pudesse entender a construção de sua própria identidade a partir dessa “trança de gente”.

### 3.1 ISABEL (BEL)

Sabe-se que os textos infantis adquirem um novo caráter a partir de 1920 em que a noção de tempo e espaço atinge o campo da fantasia e a existência de mundos paralelos. Esses recursos da nova narrativa facilitam a criação imaginária do leitor, fazendo com que ele próprio perceba lógica no que se lê, assim como possa ser válida a livre interpretação. É nesse ponto que se faz presente a, ainda recente, reformulação de textos para crianças. A literatura envolve, agora, personagens questionadoras, emancipadas, críticas acerca dos posicionamentos sociais e, também, personagens que possibilitam a reflexão da mulher como ser ativo.

É nesse contexto que o livro de Machado se constitui. A sua personagem-narradora Isabel no livro essencialmente feminino *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) se estrutura no que se configurou a partir da renovação literária. É uma narrativa essencialmente feminina, pois todo o enredo se dá em torno de mulheres, subentendendo a intenção da autora em excluir a presença de personagens masculinos- principalmente de pai, avô e bisavô-, mantendo apenas a presença de dois meninos que realçam a essência feminina para que, a partir do universo feminino, o leitor compreenda que as mulheres são emancipadas e podem ser independentes, autoritárias e não superiores aos homens. O ponto chave nesse livro de Machado é a utilização de recursos, através do diálogo, que tentam romper com os mecanismos tradicionais da literatura infantil.

A história se baseia em torno de Isabel, filha única de uma engenheira, possui cerca de 12 anos de idade (sua idade é omitida no texto) que encontra um retrato antigo de sua bisavó Beatriz em uma faxina que sua mãe realiza. A menina se encanta com a fotografia antiga e pede para que a mãe permita que ela fique com o objeto encontrado. A mãe, inicialmente, recusa, mas logo em seguida cede a vontade de filha e exige que a

menina seja cautelosa com a única recordação em foto de sua avó. Em certo momento da história, Isabel perde a fotografia e fantasia a desculpa de que a bisavó Beatriz mora agora dentro dela e ninguém mais pode ver. O enredo fantasioso da novela em análise, já nas primeiras linhas, ao mesmo passo em que já esclarece do que se trata a história, aguça no leitor a curiosidade de saber como isso ocorreu. Para Carvalho (2004),

A escolha de um narrador autodiegético e a narrativa em tom de diálogo que a personagem Isabel mantém o leitor, por meio da presentificação dos acontecimentos, fazem com que o discurso narrativo se apresente da oralidade, recurso muito eficaz para a leitura do público infanto-juvenil [...]. Assim, a narrativa adquire um tom de conversa, de confissão, de desabafo, e isso aproxima o leitor da personagem, levando-o a querer saber o que vai acontecer com Isabel e, com isso, a acompanhar a história. O modo de composição da narrativa e a forma de relatar os acontecimentos, pela visão subjetiva da personagem narradora, prendem o leitor na trama assim arquitetada, desde o início da história. (CARVALHO, 2004, p.72).

A escolha para se iniciar a narrativa é um dos facetes de Ana Maria Machado para prender o leitor, atizando a curiosidade, fazendo com que os mesmos elaborem a interpretação textual de acordo com suas perspectivas e se permitindo compreender a fantasia da narradora-personagem:

Sabe? Vou lhe contar uma coisa que é segredo. Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo. Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver. Pode procurar pela casa inteira, duvido que ache. Mesmo se alguém for bisbilhotar num cantinho da gaveta, não vai encontrar. Nem se fuçar debaixo do tapete. Nem atrás da porta. Se quiser, pode até esperar uma hora em que eu esteja bem distraída e pode espiar pelo buraco da fechadura do meu quarto. Pensa que vai conseguir ver Bisa Bia? Vai nada...Sabe por quê? É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do meu lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim. E até pouco tempo atrás, nem eu mesma sabia disso. Para falar a verdade, eu nem sabia que Bisa Bia existia. (MACHADO, 2001, p.5).

Também, nessas primeiras linhas, o leitor pode entender como Machado utiliza do discurso de Isabel para apresentar uma das características mais evidentes da garota: a imaginação apoiada no uso de uma linguagem que aproxima intuitivamente o leitor do enredo fantástico. É por meio do diálogo, que Isabel passa a conhecer muitas coisas do passado, período em que a sua avó viveu, fazendo com que o desenvolvimento de sua personalidade permeie entre o antigo, o presente e o novo.

Ana Maria Machado se utiliza da fantasia e o contexto infantil para trazer à tona alguns dos diversos problemas sociais, muitas vezes questões que envolvem o

preconceito com o universo feminino, que são retratados com cautela nos seus textos. No fragmento abaixo, ainda nas primeiras páginas do livro, podemos compreender a faceta utilizada pela autora para apresentar aos leitores a essência feminina de seu texto através da apresentação de um personagem masculino na perspectiva da narradora:

[...] Mas quem vinha chegando era o Sérgio, e para mim, ele é uma pessoa muito especial, o garoto mais bonito da classe, o mais divertido, o que tem melhores ideias. Adoro quando ele vem conversar comigo. Tem horas que eu acho que a gente devia se casar quando crescer, porque eu tinha vontade de ficar o resto da vida olhando para ele, ouvindo o que ele conta, fazendo coisas para ele... e eu queria muito que ele conhecesse Bisa Bia : - Sérgio, olha só... Adivinhe de quem é esse retrato... – Não sei, mas é de alguém que eu conheço, deixa eu ver melhor. Ele olhou bem para o retrato e disse, de repente: - Ah, já sei! Claro! Como é que eu não vi logo? Também, com essa fantasia, você ficou tão diferente... É seu. Mas com essa roupa caipira não deu para reconhecer logo. [...] – Só que aqui no retrato você estava mais gordinha, mais bochechuda. Mas é claro que eu ia conhecer... E, vendo que outros meninos da turma vinham se aproximando, foi dizendo em voz alta: - Imagine se eu não ia conhecer em qualquer lugar do mundo essa sua cara de pastel. (MACHADO, 2001, p. 13 e 14).

O trecho acima nos traz à tona o paralelismo existente entre a perspectiva feminina versus a perspectiva masculina que acentua a contraversão dos gêneros. A garota, Isabel, deixa claro para o leitor sua visão acerca do garoto, Sérgio, destacando seus interesses – o de casar, apontando o contexto feminino e Sérgio, através do seu discurso, aponta certo interesse sobre Isabel - no momento em que oferece atenção à menina-, porém, ao perceber a proximidade de seus amigos, pronuncia em voz alta, palavras que descaracterizam o tom inicial de sua conversa, se referindo a Isabel com arrogância, enfatizando o fator culturalmente construído de que meninos não devem ser amigos de meninas, já que quanto mais apontar repugnância ao gênero oposto, ele será mais bem visto pelo círculo de amizade.

Desse modo, a narração se incube de utilizar recursos linguísticos que zelem pela real intenção do autor, seja ela a de enfatizar como adequadas as questões tradicionalmente construídas, como o que foi visto no trecho acima ou para apontar que determinados pensamentos e atitudes, carregados de valores oriundos da tradição, merecem reflexões que possam romper com aquilo que perdurou durante um bom tempo na sociedade. É, por esse ponto de vista, que Machado elabora seu texto fazendo com que a narração desses fatos nos recorde um gênero muito utilizando como a descrição de fatos: o diário. Mesmo se caracterizando como Novela, o livro permite essa aproximação com o gênero em que Isabel narra suas memórias. Esse é mais um dos

critérios adotados pela autora que contribui os para que a relação do leitor com o texto se torne algo real, embora se trate de um enredo puramente fantasioso. Sobre o relato em um texto narrativo direcionado para crianças, Zilbermann (2003) explica que

[...] A relação com o destinatário é mais aguda no texto infantil, já que a sedução de dominação própria a linguagem narrativa pode se converter em inclinação adultocêntrica e deixar transparecer a índole educativa. A contrapartida é a criação literária em que os papéis ficcionais não estão previamente distribuídos e fixos para sempre. Daí a presença, no relato, dos pontos de indeterminação que se oferecem ao preenchimento do leitor, implicando na conformação de uma realidade a ser decifrada e numa tomada de posição. Concretiza-se a aspiração da literatura à novidade e permanência, assim como a rejeição a um sistema vigente, culminando na obtenção de um efeito junto ao receptor: a reflexão sobre a norma consagrada e a posse do conhecimento. (ZILBERMANN, 2003. p.85).

Sendo assim, a relação do texto-leitor se torna manipulada pela interpretação dos recursos utilizados na narração. Em *Bisa Bia, Bisa Bel* o diálogo imaginário, principal recurso estabelecido entre Isabel e Beatriz, se destaca fortemente com a carga de ensinamentos comportamentais que a bisavó transfere para sua neta, se configurando em um fator que nos rememora a tradição dos livros escritos para crianças em que todo o enredo era direcionado mais para uma espécie de manual de métodos educativos do que propriamente para o intuito de proporcionar prazer a criança através da leitura. Inicialmente, antes de esse recurso ser estabelecido, é a própria Isabel quem determina como o momento irá proceder, isso nos aponta a característica da criança emancipada, que interpreta fatos de acordo com a sua vontade e perspectiva:

- Bisa Bia, vamos brincar lá embaixo? Responder mesmo, ela não respondeu. Mas eu logo vi que ela estava louca para ir. Primeiro, porque quem cala consente. E depois, você precisava só ver como os olhos dela brilharam animados na hora em que ouviu falar que ia brincar. Já imaginou? Ela devia estar louca para sair um pouco, depois de ter ficado todo aquele tempo trancada no escuro, metida dentro de um envelope, dentro de uma caixa, dentro da gaveta, aquela história toda, feito a vida do gigante. Vai ver, era por isso que ela tinha ficado brincando de pique no pátio, correndo o vento, pulando janela, se escondendo na sala de aula. Era isso mesmo! Bisa Bia ia brincar comigo! (MACHADO, 2001. p.17).

A partir do momento em que o diálogo entre ambas as personagens começa a ser destrinchado no livro se percebe, já na primeira “aparição de Beatriz”, sua crítica em relação às brincadeiras da menina e seu repúdio sobre todo o “Corre-que-corre, pula-que-pula, foge-que-foge [...]” (MACHADO, 2001, p.18) e a interpretação da menina



quando entende o que sua bisavó quis dizer: “-Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho melhor quando você fica quieta e comportada num canto, como uma mocinha bonita e bem comportada.” (MACHADO, 2001, p.19). A resposta dada ao que Beatriz “diz” confirma o que foi exposto acima: Isabel, a protagonista, é uma criança emancipada, é independente – vale salientar que a aparição da mãe da menina é muito escassa, contribuindo para essa constatação – e consegue distinguir, baseada em sua constante formação de personalidade o que considera como certo e errado, fazendo com que os conselhos advindos de sua bisavó, que não correspondem a sua vontade, não sejam instituídos em sua educação comportamental:

- Sossega, Bisa Bia! Tanto cutuquei que ela acabou ficando quietinha, bem sossegada. Bem como ela achava que devia ser uma mocinha bonita. E eu pude então curtir minha brincadeira em paz, o quanto eu quis. Ela ficou tão bem-comportada que eu até esqueci dela. (MACHADO, *op.cit.*).

Machado cria Isabel, repleta de marcas que sustentam uma nova concepção da criança no contexto social. Elas não são mais submissas as vontades dos adultos e da escola, são seres capazes de designar os próprios desejos e não se submetem a incapacidade de independência que por muitas vezes lhes são atribuídas. Essa formatação do ser criança na literatura infantil que a autora expõe em *Bisa Bia, Bisa Bel* deixa explícito que se trata de um novo jeito de se fazer literatura, uma nova fórmula para criar textos infantis, já que os textos que começaram a abordar as crianças como personagens em livros e como personagens dignas de caráter heróico ainda eram escassos em meados do século 19. A autora elabora essa personagem, repleta de marcas da própria formação de identidade e o diálogo é a evidência dessa construção.

Sobre isso, Carvalho 2004 afirma que o texto de Ana Maria Machado apresenta essa fase vivenciada por Isabel – a pré-adolescência- é o momento em que sua mente está em “estágio de ebulição e seus sentimentos são colocados em cheque por ela mesmo a todo momento” (p.73) facilitando, através da narrativa, a comunicação entre o conteúdo abordado e o público leitor, afinal há o reconhecimento e a adaptação de muitos fragmentos do texto com a vida real. Zilbermann (2003) explica que o foco da história na criança acendeu outras mudanças: a ação tornou-se contemporânea, isto é, datada, e seu desenvolvimento apresenta o confronto entre o mundo do herói e o mundo dos adultos. A presença da criança na história possibilita, portanto, a aproximação do

mundo fantasioso com o real sem excluir o ser adulto, mas afastando dele o caráter heroico e principal da narrativa, fazendo com que ele coexista à presença da criança.

No que compete à fantasia, linha que costura esta narrativa e está presente na maior parte da mente infantil, Machado traz à tona, além da presença do diálogo fantasioso, a capacidade da criança de criar estórias para contornar situações. Após perder a fotografia de sua bisavó, Isabel sabendo da pouca atenção que receberia de sua mãe, elabora um discurso para dizer que não estava mais com o presente que lhe foi concedido:

- E cadê o retrato? O que eu disse foi o seguinte – só que ela não prestou muita atenção, porque já estava indo ver outra coisa, minha mãe tem a mania de fazer isso, falar e não ligar para a resposta: - Sabe, mãe, aconteceu uma coisa muito interessante. Bisa Bia gostou muito de mim, da minha escola, dos meus amigos, do meu quarto, de tudo meu. Ela agora quer ficar morando comigo. [...] Eu guardei ela grudada na minha pele, junto do meu coração, muito bem guardada, no melhor lugar que tinha. E ela gostou tanto – sabe, mãe?- que vai ficar aqui para sempre, só que pelo lado de dentro, já imaginou? Também, era fácil, porque eu tinha corrido e estava suando muito, o retrato dela ficou molhado, colou em mim. Igualzinho uma tatuagem. Ela ficou pintada na minha pele. Mas não dá pra ninguém mais ver. Feito uma tatuagem transparente, ou invisível. [...] (MACHADO, 2001, p.21).

A história inventada por Isabel se torna essencialmente criativa por envolver a fantasia e por ser algo impossível de acontecer. A menina relata essa desculpa por saber que sua mãe tem essa “mania” de perguntar e não dar ouvidos a resposta. Machado, embora não apresente detalhadamente a mãe de Isabel, que além de ter seu nome omitido no texto, traz indícios do contexto da nova da mulher que trabalha, tem pouco tempo para se dedicar ao lar, aos filhos, é independente, e essa postura também é ressaltada através da exclusão da presença do pai da protagonista, deixando implícito que se trata de um lar onde a mãe é a principal responsável. O trecho acima confirma, também, o desenvolvimento da criança através de suas próprias aventuras, receios e imaginações.

O perfil da personagem principal nada tem a ver com os papéis desempenhados por figuras da literatura passada para crianças, em que o enredo se voltava em torno de histórias dramáticas de princesas incapazes de solucionar seus próprios dramas, problemas e conflitos, sendo sempre necessária a presença de homens, no caso príncipes, que surgem para se tornarem heróis da saga e, para sua recompensa, o casamento com a frágil princesa. Isabel é destoante desse perfil até na maneira como

pensa em se vestir. A princesa está mais para o perfil da bisavó (o antigo) do que para a menina. Isabel pode ser vista como a versão de criança da nova Emília, a boneca de Lobato, enfatizando essa dualidade existente no livro de Machado.

[...] e saí pela rua assoviando, vestindo minha calça desbotada, calçada nos meus tênis, chutando o que encontrava pela frente. Bem moleca mesmo. Num instante estava encarapitada no muro, vendo aquela chata da Marcela, toda frosô, arrumada numa roupa de butique, fivela de florzinha no cabelo, falando mole, cheia de nhenhém, jogando sorrisos para o Sérgio. Ai, eu não aguento! Puxa, se eu não tivesse demorado tanto tempo na discussão com Bisa Bia, tinha chegado antes dela... (MACHADO, 2001.p.32).

O trecho acima confirma a forte personalidade que está sendo construída acerca da personagem Isabel, que assume gostar de ser moleca e se vestir como tal, diferentemente de Marcela, personagem secundário que reforça a caracterização de princesas que necessitam de ajuda, sendo o modelo de menina que Beatriz deseja para sua bisneta.

[...] - Vocês já viram como está cheinho de goiaba no quintal de Dona Nieta? Pena que ela está viajando, nem dá pra a gente pedir, né? – Não faz mal – Disse o Sérgio -, ela sempre dá mesmo, a gente pode ir lá e pegar. Depois, quando ela voltar, é só contar. Já fiz isso uma vez e ela disse que podia. – Mas como é que vamos abrir o portão para entrar? E a garagem também está trancadinha – a voz de Marcela parecia um chorinho de neném, - Não vai dar... – Você vai de carro, é? Precisa de garagem? – perguntei. – Tem medo de cansar sua beleza, é? – É que Dona Nieta guarda na garagem aquela vara com um saquinho na ponta, para tirar goiaba – explicou Marcela. – E quem precisa de vara? A gente sobe na goiabeira... – foi dizendo o Sérgio. – E o portão? – Ué, pulamos o muro...- completei eu. – Eu não posso – explicou Marcela. – Mamãe disse para eu não me sujar, que ia estragar a roupa toda. E eu nem sei fazer essas coisas de moleque... (MACHADO, 2001.p. 33 e 34).

A oposição entre ambas personagens se torna nítida a partir do momento que Isabel mostra seu repúdio ao jeito de Marcela. Ao protagonizar essa cena com Marcela, a bisneta de Beatriz demonstra independência aos conceitos instituídos sobre como uma mulher/menina deve se comportar. E através dos diálogos trocados, a menina constrói sua personalidade de maneira que suas convicções vão se moldando de acordo com as escolhas e interpretações que faz das situações que lhes acomete. Isabel, em seus momentos conflituosos afirma e reafirma sua identidade “ – Eu sou eu! Eu sou eu!” (MACHADO, 2001, p. 44) “Porque eu sou eu, ora.” (MACHADO, 2001, p.47), em

meio a duelos vivenciados – ouvindo sua bisavó e bisneta – concordando por vezes, discordando por outras, até conseguir se autodefinir.

[...] É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver. Eu, Bel, uma trança de gente, igualzinho a quando faço uma trança no meu cabelo, dividido em três partes e vou cruzando uma com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bia, a parte de Neta Beta. E Neta Beta vai fazer o mesmo comigo, a Bisa Bel dela, e com alguma bisneta que não dá nem pra eu sonhar direito. E sempre assim. Cada vez melhor. Para cada um e para todo mundo. Trança de gente. [...] (MACHADO, 2001, p.62).

Nesse último momento do livro, pode-se considerar que a personagem principal consegue compreender o que se passa em torno dela e com as outras personagens coexistentes que estão em sua mente e que foram fundamentais para essa compreensão e para a autoafirmação da menina como um ser independente e que precisou dessa mistura de saberes para poder entender o qual o caminho, considerando suas vontades e suas escolhas, deveria percorrer para alcançar a compreensão de sua identidade. Carvalho afirma que

A recorrência à memória de um tempo passado, materializada pela visão da personagem da bisavó Beatriz e, também, a projeção para o futuro de uma personagem que viverá um outro tempo, diferente daquele vivido pela menina Isabel, através da sua bisneta Neta Beta, possibilitam ao leitor uma tomada de consciência de seu momento histórico e também a percepção da mudança de valores no transcorrer do tempo. (CARVALHO, 2004, p.74).

É sobre essa mudança de valores no transcorrer do tempo que Ana Maria Machado se pauta nos recursos narrativos para incitar o leitor a perceber que, através das revelações, a personagem o caminha para novas descobertas, para possíveis reflexões críticas sobre as situações vivenciadas e sobre os conselhos que Isabel recebe. É a partir desse ponto, que o leitor pode acompanhar o que se passa com a personagem, da mesma forma que pode se reconhecer diante do que é revelado em *Bisa Bia, Bisa Bel*.

Quando eu começo a ficar muito moderna, muito decidida, a me sentir muito forte e muito capaz de enfrentar tudo, às vezes me dá uma “recaída de bisavó”, como Neta Beta chama. Quer dizer, quero dengo, descubro que sou fraca numas coisas, tenho vontade de pedir colo e procurar alguém que me ajude, passasse a mão na minha cabeça e tome conta de mim um pouquinho. Não dá pra ser mulher maravilha. Pelo menos, não dá o tempo todo, sem fingir. Vou descobrindo que dentro de mim é uma verdadeira salada. (MACHADO, 2001, p.54)

A personagem de Isabel, que inicialmente relutava com determinação os conselhos e ideias de sua bisavó, se caracteriza por possuir uma personagem forte, que se comporta do jeito que acha melhor, despreocupada com a delicadeza feminina, e que é convicta de que os modelos de um mundo passado restringem as formas que manifestam desejos. Essas convicções presentes em Isabel, ao mesmo tempo em que apresentam uma postura de menina madura, fazem com que ela, por muitas vezes, se comporte como uma criança que necessita de um acompanhamento afetivo para conseguir enfrentar a transição do mundo infantil para o universo da pré-adolescência.

### 3.2 BEATRIZ

Beatriz, bisavó de Isabel, surge na vida da menina através de uma fotografia e passa a manter diálogos frequentes que envolvem ensinamentos sobre coisas antigas: móveis, bordados, comidas, vestuário e modelo comportamental adequado para meninas. Este último, além de ser o mais insistente no livro de Ana Maria Machado, é o critério utilizado pela autora para rememorar e criticar os métodos utilizados pela literatura para investir em normas que as crianças deviam seguir. Beatriz é formulada com essência puramente feminina, delicada, frágil, que muito tem a ver com as princesas, fatores que recordam a particularidade de uma bisavó, e que tenta mostrar para Isabel, personagem que destoa consideravelmente desse modelo frágil, que o modo como a garota se comporta não é o correto para “mocinhas comportadas”. É ela quem passa a maior parte do tempo aconselhando Isabel, tomando vida própria e se colocando como o adulto mais presente na vida da menina, já que a mãe da garota ocupa pouquíssimo espaço na narração, decidindo, também, quais as ações de Isabel merecem mudanças/consertos. Sobre a influência que a personagem Beatriz exerce sobre sua bisneta, Carvalho explica que

Os valores de um momento distante de seu tempo, vividos e defendidos por alguém que mantém com ela um elo sanguíneo, fazem com que Isabel se sinta enraizada em uma família, sendo ela responsável pela continuidade de uma história familiar. Por isso, ela precisa construir a própria identidade feminina, como fez sua bisavó, para poder sustentar a continuidade do processo que vai resultar na existência de outras pessoas, descendentes suas em um tempo futuro. (CARVALHO, *op.cit.*).

É pela relação familiar que a menina mantém com Beatriz que a faz respeitar e considerar o que lhe é transmitido através do diálogo imaginário que as personagens

mantêm. Sendo, portanto, possuidora de um caráter singular, Machado impôs em Beatriz uma carga de doçura que, além de acentuar o tom digno de bisavó, facilita o processo de ensinamento ao qual a personagem de Bia estava disposta a colocar em prática. Usando de frases como “- Meu coraçãozinho, eu estou falando é para o seu bem... um dia, você vai crescer e vai me dar razão... Ou então: - Escute o que eu estou lhe dizendo, aprendi com a minha experiência...” (Machado, 2001, p. 30), Beatriz aconselha Isabel e adverte a menina com base em sua experiência que nos faz rememorar as dificuldades sociais do tempo em que viveu, período da submissão das mulheres em relação aos homens, ao emprego e a sua vida em sociedade e que eram fatores omitidos ou não levados em consideração pela própria mulher, que se dedicava exclusivamente ao trabalho doméstico. Ainda, para Carvalho (2004)

A bisavó Beatriz é uma mulher que se projeta na história como alguém que já viveu e, pela experiência, conhece as etapas da vida e sabe que não deve levar tudo tão a sério; a bisneta Isabel é uma adolescente que se mostra pelas reações emocionais, pelos seus sentimentos interiores, supervalorizando seu modo de ver, como se houvesse verdades instituídas. Por isso, o embate de ideias e a contraposição de valores servem de entrecho para que Isabel se defina, se fortaleça, se emancipe, marcando com isso a fase em que a criança deixa de ser dependente e rejeita a visão dos adultos, investindo em sua emancipação, em seu crescimento interior e na definição de sua personalidade. (CARVALHO, 2004.p.80).

Isabel confronta indiretamente o que não concorda, chegando a responder algumas vezes o que a Beatriz lhe diz: “- Por isso mesmo, ué, se eu não puder fazer a minha própria experiência, como é que eu vou aprender? – bem que eu respondo às vezes.” (Machado, 2001.p.30) Essa é a procura pela própria formação, excluindo parcialmente Beatriz de suas decisões, sendo capaz de se firmar e de procurar por suas experiências. A própria discordância é um sinal de que Isabel está em processo de amadurecimento e que já consegue distinguir o que lhe é pertinente e o que não é. Com atitude de contornar a situação, Beatriz sempre consegue fazer com que Isabel faça o que ela deseja:

- Meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca têm bom fim... – Pois fique sabendo, Bisa Bia, que toda galinha que eu já vi é galinha que canta. – Pois fique sabendo, Isabel, que todas elas acabam na panela. É ou não é? Provavelmente, é. Tive que concordar. [...] Fui começando a discutir e de repente percebi que Bisa Bia já tinha me enrolado de novo, ela é uma danadinha. Quer dizer, consegui o que queria: eu tinha parado de assoviar e já estava prestando atenção na conversa dela. (MACHADO, 2001, p.31).

Desse ponto de vista, nota-se que Beatriz tem grande influência sobre Isabel, ela consegue manipular o seu discurso para conseguir que a bisneta siga o que ela acha correto, muito embora a menina não concorde com a opinião da bisavó. O que Beatriz deseja para sua bisneta é que ela se comporte como uma verdadeira princesa, delicada, ou melhor, que Isabel se torne o que Beatriz era. Essa tentativa de transferência de valores para Bel é uma maneira de dar continuidade a tradição, mas essa transferência acontece parcialmente ao passo em que a bisneta vai conhecendo o comportamento de anos atrás e compreendendo que esse não é o correto devido ao seu conhecimento acerca da nova postura e consciência do universo feminino. Ana Maria Machado apresenta, em um momento do seu livro, a personagem de Sérgio, um dos poucos personagens masculinos que aparecem na obra, mas que possui o intuito de reforçar o ideal feminino. Isabel enxerga nele um futuro amoroso, característica que é geralmente presente em meninas da idade da personagem, que aponta reflexos na idealização de uma vida estável:

Num instante estávamos subindo na goiabeira. Lá em cima, depois de devorarmos as primeiras goiabas, Sérgio me olhou de novo e disse: - Puxa, Bel, você é a menina mais corajosa que eu já conheci! Fiquei quieta, o coração batendo forte. Ele continuou: - E você sobe em árvore feito um menino. [...] – Você é mesmo a menina mais legal que eu já conheci, não é feito essas bobonas por aí, que parecem que vão quebrar a toa. Tem horas que eu tenho vontade de casar com você quando crescer. Pelo menos, assim meus filhos não iam ter uma mãe chata feito tantas que têm por aí. Eu ainda nem tinha recuperado do susto de ouvir isso, quando o Sérgio fez um carinho no meu cabelo e me deu um beijo! Aí, pronto, meu coração pulou tanto que eu perdi o equilíbrio. Vi que ia cair, tentei agarrar o galho, agarrei o Sérgio e caímos juntos. Morrendo de rir, enquanto nos abraçávamos e o Rex nos lambia, na maior confusão. Mas foi também me dando uma vontade de chorar de felicidade. Achei que não podia dar a ninguém esse gostinho de me ver chorar, nem a ele, nem a Bisa Bia, nem a Marcela [...]. (MACHADO, 2001, p.36,37 e 38).

Os trechos acima confirmam a idealização da menina acerca da estabilidade de vida pensando em um casamento, mas, também, a idealização do menino que pensa também no matrimônio e vai de acordo com o pensamento feminino, cogitando a possibilidade de ter filhos, sendo assim, o pensamento de ambos comungam a ideia de uma família tradicional. Porém, o que é mais relevante nesse trecho e lhe é válido dar a atenção é o pensamento de Sérgio a respeito de meninas “bobonas que parece que vão quebrar à toa”, optando por uma mulher que possui uma postura mais rígida e independente e que é, conseqüentemente, “a mais legal”. Essa caracterização dada pelo personagem masculino discorda com o discurso de Bisa Bia que tenta aconselhar a

menina a agir de forma frágil e delicada no momento em que Sérgio começa a elogiar Isabel:

- Viu só? Ele acha você parecida com um menino. Homem não gosta disso. Agora ela fica pensando que você é moleque igual a ele e vai levar uma goiaba de presente para aquela menininha bem arrumada e penteada que está esperando quieta na calçada... Finge que se machuca, sua boba, assim ele te ajuda. Chora um pouco, para ele cuidar de você. (MACHADO, 2001, p.36 e 37).

A forma como Beatriz passa a tentar conduzir as condutas de Isabel é manipulando a menina com base nos sentimentos dela em relação a Sérgio. Essa estratégia da bisavó poderia suscitar algum resultado se Isabel não possuísse um ideal sobre seu comportamento já definido. Seu discurso gira em torno de ameaças: se Bel não agir como ela diz, já que menino não gosta de menina que se comporta como menino, não terá chances de ficar com ele.

Essa ameaça de Beatriz está diretamente relacionada com a tradição do exemplo de como educar mulheres cultivada pela literatura infanto-juvenil, considerando que as meninas que se comportaram adequadamente para a sociedade, seguindo os modelos comportamentais de mulheres submissas da antiguidade, como forma de recompensa, conseguiram um casamento com homens que possuem algum tipo de prestígio. Nos contos de fadas, as jovens por agirem conforme lhes obrigaram e julgaram formas adequadas, foram compensadas casando com príncipes que chegaram para solucionar algum problema familiar/financeiro que a jovem estava passando, ou seja, o casamento é o grande triunfo para a vida desses perfis de mulheres que tem sua vida controlada por influências externas as suas vontades. Percebe-se também na elaboração da personagem de Beatriz, contradição proposital no discurso da bisavó:



- Menina da sua idade não devia estar pensando em namoros, isso não fica bem. Menina da sua idade deve é brincar de roda, fazer comidinha, pular amarelinha, costurar roupa de boneca... – Ué, mas você não vive dizendo que eu sou uma mocinha? – É só modo de dizer... – E no seu tempo as mocinhas casavam com quantos anos, Bisa Bia? – Ah, não sei, não lembro, esqueci... Ela é assim. Quando não quer lembrar, diz que não lembra. Mas eu não sou nada esquecida. E disse: - Outro dia você falou que, às vezes, era com treze anos. Então já está na hora de eu começar a pensar em namorar, estou muito atrasada... – Isso era antigamente. E naquele tempo a gente não namorava. – Não namorava? E casava? – Isso mesmo. Casava com quem os pais resolviam. Até pensei que ela estava brincando comigo. Mas ela falava bem sério e até ia continuando: - Mesmo hoje em dia, é muito importante que as famílias estejam de acordo com um casamento. [...] – Olha Bisa Bia, quer saber de uma coisa? Isso tudo foi muito antigamente. Hoje em dia, é justamente o contrário. Menina do meu tamanho não casa, não. Mas namora, se quiser, sabe? Namoro de menina, que é diferente de namoro de mulher maior, mas é namoro sim. E, na hora de casar, não são mais os pais que resolvem. É a gente mesma. Estamos inventando um jeito novo para as coisas, sabe? Eu não disse que Bisa Bia é um amor? Ela ficou um tempo em silêncio e depois disse: - Escute, Bel, eu não estou acostumada com isso, não sei como é que é. Mas se você diz que é assim, deve ser verdade, porque uma bisneta minha não ia mentir. Só que, então, existe um problema. – Qual? – Se você está querendo namorar, minha querida, precisa aprender. Porque, do jeito que você está fazendo, está tudo errado. Achei melhor cortar logo: - Mas está dando certo, Bisa Bia. Vê se dessa vez não se mete, não, tá? (MACHADO, 2001, p.39 e 40).

A contradição é nítida no discurso de Beatriz: antigamente, meninas com a idade de Isabel já estavam casadas e, se não, estavam prestes a casar, ou seja, conforme os próprios indícios da fala de Beatriz, Isabel já estaria atrasada para isso, porém a personagem da bisavó se torna contraditória ao defender que isso não acontece mais, que o casamento precoce era algo de muito tempo atrás e que hoje em dia, menina com a idade de Isabel não deveria pensar em namorar. Essa defesa da bisavó e o “esquecimento” dela de determinado fato nos leva a refletir o propósito de Machado: a não fundamentação do discurso de Beatriz. O que a personagem apresenta são experiências de um tempo que não é mais o atual, muitas coisas mudaram, inclusive o casamento de crianças e, o fato de Beatriz não querer isso para a sua bisneta, pode indicar que a mesma não concordasse com esse costume do seu tempo.

As intervenções da bisavó na vida de Isabel não ficam meramente no discurso, mesmo se tratando de um contexto essencialmente fantasioso, Ana Maria Machado faz com que Beatriz tome atitudes físicas para fazer com que as atitudes da menina sejam aquelas esperadas por ela. Desse modo, a fim de fazer com que Isabel apresente um perfil fragilizado para que Sérgio possa ajuda-la, remontando os contos de fada e trazendo, mais uma vez, à tona as características do perfil submisso da mulher, a bisavó

retira os lenços de papel da bolsa da garota para que, quando necessitasse, o menino pudesse oferecer algum apoio elaborando, portanto, um possível contexto que provocaria uma atitude cavalheiresca típico de homens do seu tempo. O que a bisavó não contava era com a nova perspectiva do perfil menino na pré-adolescência: que esnoba a presença de uma menina quando está na presença dos amigos, para não deixar transparecer a simpatia pelo gênero oposto. Sérgio já demonstrou esse afastamento na presença dos amigos e, nesse episódio do lenço, o amigo dele, Fernando, fez o mesmo: “- Não adiantou nada você em casa todos esses dias, hem, Bel?...Não deu tempo nem para tomar banho. Olha só pessoal, que cara mais suja de meleca...” (Machado, 2001, p.42). Todos os meninos riram de Isabel, inclusive Sérgio, provocando uma cena constrangedora para a menina além da irritação, já que Sérgio age diferente quando está a sós com Bel, levando Beatriz ao arrependimento:

- Os rapazes do meu tempo eram muito diferentes, mais cavalheiros... Entendi que eram mais cavaleiros e não sabia o que isso tinha a ver com a situação: - Pra que é que alguém precisava andar bem de cavalo numa hora dessas, Bisa Bia? – Não, eu disse cavalheiros, quer dizer, gentis, educados, solícitos com as damas... Se eu deixasse cair um lenço perto de um namorado, ele logo pegava e vinha trazer para mim com todo cuidado... Comecei a desconfiar do que poderia ter acontecido com meus lenços sumidos: - Bisa Bia, você andou querendo me ajudar, foi? Dessa vez ela ficou bem silenciosa, como se nem tivesse ouvido minha pergunta. Tive que insistir e esperar um tempão até que ela comentasse, como quem não quer nada: - Também, usar papel como se fosse lenço, não pode dar certo. Meus lenços eram de linho ou de cambraia, engomadinhos e tinham rendas e bordados. Insisti furiosa: - Não desconversa, Bisa Bia. Podiam ser mais bonitos, mas os de papel são mais higiênicos. E não é isso o que me interessa. Só estou querendo saber se foi você que deixou cair meus lenços. Ela confessou, toda triste: - Fui eu sim, querida, com a melhor das intenções. Eu não podia imaginar que fosse acontecer uma coisa dessas. No meu tempo... Aí estourei: - Não me interessa o seu tempo! Quando é que você vai entender que hoje em dia tudo é muito diferente? Eu sou eu, vivo no meu tempo, e quero fazer tudo o que tenho vontade, viver minha vida, sacou Bisa Bia? Eu sou eu, ouviu? (MACHADO, 2001, p. 42,43).

A função da personagem Beatriz, através de monólogos interiores, é de causar em Isabel emoções que fogem, algumas vezes, do seu controle. As atitudes da bisavó para moldar a bisneta podem ser tão intensas que, algumas vezes, causam repulsas por parte de Bel, como foi o caso dos lenços e que, mesmo não tendo o interesse de prejudicar, a atitude dela levou a sua bisneta ao constrangimento. Vale ressaltar, ainda, que embora não aceitando os conselhos advindos de Beatriz, Isabel não os rejeita, ou melhor, não os discrimina. A menina respeita o que Beatriz propõe e não condena a personagem por isso, ela entende que se trata de um tempo passado e que hoje as coisas

são diferentes e, por isso, alguns conselhos de Bia podem ser deixados de lado. Para Cademartori (1992)

A consciência reflexiva provoca uma coincidência do sujeito consigo mesmo, decorrendo disto a concepção de sujeito como agente absoluto – ele é o ponto de partida de seus atos. A consciência é caracterizada como o plano absoluto, o ser se identifica com o pensar e o pensar com a consciência, não há ruptura do sujeito, nem determinação que o transcenda. A possibilidade de o sujeito coincidir consigo mesmo valida a estratégia da adequação e da conformação do sujeito àquilo que lhe for ensinado. (CADEMARTORI, 1992, p.43).

Conforme a autora, é o sujeito quem toma as decisões, é ele próprio o ponto de partida de suas atitudes por meio de seu pensamento consciente e esse pensar reflete naquilo que ele deve aceitar ou se conformar com o que lhe é transmitido. No livro de Machado esse é o ponto crucial dos monólogos de Isabel. Os ensinamentos que sua bisavó tenta transmitir só são aceitos pela menina quando ela os considera pertinentes, porém o que não pode ser instituído conforme as reflexões da própria menina, embora não sejam desconsiderados pelo fato de Bel perceber que são ensinamentos adquiridos da experiência de sua bisavó, não são instituídos em sua educação pela consciência individual e reflexão que Isabel adquire através da sua maturidade e da própria construção de identidade.

O que concerne ao personagem de Beatriz é a necessidade que Machado tem em apresentar que a literatura infanto-juvenil deve se enveredar por outros caminhos que não sejam as imposições de métodos educativos e exemplos comportamentais. Beatriz se classifica como a exposição do que perpetuou por muito tempo na literatura para crianças e Isabel é elaborada com uma nova roupagem para os textos direcionados para esse público. A autora de *Bisa Bia, Bisa Bel* ainda apresenta outra personagem, Neta Beta, para enfatizar a nova formação do perfil da mulher por meio de outra voz para desconstruir o que Beatriz tenta passar para Isabel construindo, portanto, uma roupagem diferente para os textos infanto-juvenis.

### 3.3 BETA

A personagem de Beta surge no livro como a bisneta de Bel intervendo no diálogo existente entre a bisavó Beatriz e a bisneta Isabel. Beta assume uma postura que é oposta a de Beatriz, convergindo diretamente com as ideias apresentadas por Bia e contribuindo, também, para que a narradora-personagem construa sua própria

identidade. A bisneta de Isabel se caracteriza como uma menina autônoma e representa a posição da mulher do futuro, construindo, portanto, a trilogia temporal existente no livro de Machado: o passado, presente e futuro e, também, a continuidade de gerações. Para Carvalho, “Ela se mostra emancipada e decidida, atitudes que Isabel almeja em sua luta por mudanças no modo de ver as mulheres” (Carvalho, 2004, p.77). É com o apoio da voz de Beta, sobre essa nova perspectiva de alterações acerca da visão sobre as mulheres, que Isabel recorre o seu discurso, mas nunca desmerecendo as experiências de Beatriz.

- O que é feio não é um assovio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe se comportar e fica com esses modos de moleque de rua. Pronto! Pra que é que ela foi dizer isso? Bem nesse momento, parecia que tinha uma voz dentro de mim, bem fraquinha, mas bem nítida, me dizendo assim: - Faça o que você bem entender! Não deixe ninguém mandar em você desse jeito. Era justamente o que eu queria ouvir. (MACHADO, 2001, p.32).

Desde a primeira aparição da voz de Neta Beta percebemos o apoio que Isabel dá a menina, mesmo sem saber ainda de sua existência em sua mente. Ao dizer “Não deixe ninguém mandar em você” percebe-se a intensidade de autonomia e independência que essa personagem possui e o quanto Isabel concorda no que ouve dela: “- Não finge nada. Se ele não gosta de você do jeito que você é, só pode ser porque ele é um bobo e não merece que você goste dele. Fica firme. Preferi esse conselho. Não estava entendendo nada dessa voz, quem seria? Mas fiquei firme.” (Machado, 2001, p.37). Nesse trecho, é nítido que Beta se opõe as opiniões de Beatriz – que pediu para Isabel se fingir de frágil para que Sérgio gostasse dela – e Isabel concorda com essa segunda voz ainda desconhecida. O que merece destaque, ainda, é que na maioria das vezes Beta fala o que Isabel gostaria de ouvir, utilizando um discurso mais altruísta e sem receios, diferentemente de Bel que responde por vezes sua bisavó, mas não é tão direta quanto Beta:

- Bisa Bia, a senhora me desculpe, mas não é nada disso. Bel não precisa fingir para ele. Aliás, ninguém tem nada que fingir para ninguém. Se ela estiver com vontade de falar com alguém, vai lá, ou telefona, e fala. Pronto. É tudo tão simples, para que complicar? – Isso mesmo – concordei, animada. A voz continuou, agora falando comigo: - E você aí, deixe de ser boba, perdendo seu tempo, espetando agulha num pano, só para agradar um bobalhão que ri de você, só para bancar a menininha fina. Para que fingir? Tem horas que não dá mesmo para fingir. Largue isso e vá fazer alguma coisa útil. (MACHADO, 2001, p.49).

Ao se dirigir para Beatriz, Beta se posiciona e deixa claro o seu posicionamento sobre Isabel se fingir para conquistar um menino, para ela, Sérgio deve gostar de Bel do jeito que ela é e sugere, ainda, o uso de recursos tecnológicos para serem utilizados se a menina quiser falar com alguém. Esse é um contexto que defende o direito da mulher de procurar quando quiser, de manter sua personalidade e da facilidade de fazer o que quer. Sabemos que anos atrás, a mulher deveria esperar a atitude de um homem e, para apresentar ao leitor a ruptura com esse elo da tradição que criava mulheres submissas aos homens e que omitiam seus desejos, Machado além da elaboração da personagem Isabel, constrói a personagem de Beta para deixar claro ao leitor que esse perfil de mulher não é mais cultuado na sociedade dos dias atuais. Quando neta Beta se refere à Isabel, usando palavras e argumentos fortes, caracteriza a menina como uma que está aprendendo a bordar, fingindo ser uma menina fina, para agradar um menino que ri e faz zombarias dela, além de estar perdendo tempo com algo inútil. Essa é a primeira vez que Isabel não gosta do que ouve de Beta e revida:

Foi a vez de me chatear com ela: - Não se meta onde você não é chamada. Nem sei quem você é, e fica aí dando palpite na minha vida. Pois fique sabendo que eu não estou perdendo tempo nenhum, estou descobrindo que eu gosto muito de bordar, como gosto de patinar, de ler, de dançar, de ver televisão, de ir à praia, de brincar na calçada, de fazer um monte de coisas... e não estou fazendo isso para agradar ninguém. Só a mim mesmo. Pensei mais um pouco e acrescentei: - Também não tenho muita certeza se o Sérgio é um bobalhão. Às vezes, acho que a bobalhona sou eu, que gosto dele. Às vezes, acho que nós dois somos mesmo um pouco bobos. Todos dois. E, outras vezes, acho que nenhum dos dois é bobo, é só um jeito de ser, ainda não tenho certeza de nada. E tem mais: não quero saber de gente que se mete na vida dos outros sem dizer quem é. Afinal, que é que você quer? (MACHADO, 2001, p.50).

Isabel revida o posicionamento de Neta Beta por ser rude com ela e com Beatriz e por dar palpites sem ao menos de apresentar. Além de tentar controlar o que Beta pronuncia, Isabel oferece ao leitor indícios de sua maturidade de opinião acerca de comportamentos. Ao citar as brincadeiras que mais gosta, Isabel passeia entre aquelas que são mais femininas: dançar, bordar, e aquelas que são mais masculinas: patinar, brincar na calçada deixando claro que ela foge das restrições de gêneros estabelecidas pela cultura. A narradora, também, ao tentar conceituar sua relação com Sérgio, apresenta a sua incerteza em relação ao menino, mas nunca abandona a característica principal que envolve os diálogos trocados: a continuidade da formação de identidade de Isabel.

Tanto Beatriz quanto Neta Beta são fundamentais para que Isabel se firme com independência, passe a se autoconhecer e a compreender o processo de formação que está passando. Carvalho (2004, p.79) explica que as intervenções que Isabel sofre por meio dessas personagens femininas, que se situam através de um elo de gerações, são decorrentes do devaneio da menina e que apontam para a busca da identidade da mulher que está apenas se iniciando em Isabel que é pré-adolescente. É em sua imaginação que Bel enfrenta as ideias advindas de sua bisavó e bisneta e se impõe sempre que os conselhos que lhes são passados não correspondem com sua expectativa. Dessa forma, sabendo que o posicionamento de Beatriz é diferente de Neta Beta, cabe a Isabel lidar e amadurecer com os ensinamentos que são transmitidos:

– E então, um pouco de mim vai ficar para sempre morando dentro de você...  
 – Junto comigo? – quis saber Bisa Bia. – Será que tem lugar? – Tem que ter – confirmou Neta Beta. – E, pelo jeito, a gente vai discutir um bocado. Confesso que eu estava gostando tanto da ideia que bati palmas. – Mas temos uma coisa em comum, minha querida – percebeu logo Bisa Bia. – Nós duas gostamos muito, muito de Bel, e só queremos o bem dela. – Isso é verdade – disse Neta Beta. – Mas os nossos palpites são tão diferentes... Como é que ela vai saber quem tem razão? Essa é uma coisa, por exemplo, que Neta Beta tem toda a razão. Impossível saber sempre qual o palpite melhor. Mesmo quando eu acho que minha bisneta é que está certa, às vezes meu coração ainda quer porque-quer fazer as coisas que minha bisavó palpita, cutum-cutum-cutum, com ele... Mas também tem horas em que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa Bia, e que nesse caso todos vão ficar contentes com o meu comportamento de mocinha, tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo, mesmo sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender. Mas eu já estou me entendendo um pouco – e às vezes isto me basta. (MACHADO, 2001, p.53).

Nesse fragmento, entende-se que Isabel já está mais madura, a narradora já compreende que ela quem deve determinar o que é melhor para ela, mesmo tendo que lidar com os instintos que designam para seguir os conselhos de uma das suas vozes. Sendo assim, esse elo entre o passado, o presente e o futuro, representado pela geração histórica de uma família, formam uma corrente para ajudar e apoiar Isabel em suas decisões. Esse recurso utilizado por Ana Maria Machado é de fundamental importância para perceber que, embora seja direcionado para leitores crianças, o livro pode, por meio da fantasia, romper com os paradigmas instituídos por uma tradição. A bisavó Beatriz é fundamentada em estratégias que apresentam o tradicional, a bisneta Isabel destaca uma nova postura da mulher e Neta Beta que apresenta a mulher do futuro, ainda mais independente.

Com base nessa perspectiva de futuro, já nas últimas páginas de seu livro, Machado destaca a presença de um casal de gêmeos que, embora crianças são totalmente independentes:

- Que mais? Eles não tem empregada, porque a família mesmo é que faz tudo, eles preferem assim, já imaginou? Difícil imaginar, num primeiro momento. Claro, a gente sabe que tem gente que não tem empregada porque não pode. Mas porque prefere? Aí ouvi a voz de Neta Beta: - Grande coisa! Um espanto é essa gente que não sabe fazer nada sem empregada... Deus me livre de ser patroa de alguém... Esse tempo já ficou muito pra trás... Mas como Adriana não ouviu, continuou: - A mãe e o pai trabalham fora, e os gêmeos preparam o almoço deles sozinhos, fazem a cama, tudo isso... - A gêmea, você deve estar querendo dizer... Como é que ela se chama? - Maria, e ele é Vítor. Mas são os dois mesmo que fazem. O Vítor sabe cozinhar, Bel. E Maria sabe consertar tomada. Aliás, ela sabe consertar um monte de coisas. Outro dia até trocou a corrente da bicicleta do Fernando, se eu não visse não acreditava. Todo mundo está adorando os dois, são uns amigões... Neta Beta disse: - Grande coisa! Eu também sei consertar mil coisas, tenho banca de carpinteiro, adoro mecânica... (MACHADO, 2001, p.55 e 56).

As características dos gêmeos descritas por Adriana chamam a atenção de Isabel por representarem uma realidade ainda um pouco distante da realidade da narradora, mas que se aproxima bastante da de Neta Beta. A cultura recebida por Maria e Vítor e a educação dos pais que possuem uma mentalidade que cultiva a independência, além do fato de que moraram por alguns países antes de chegarem ao Brasil, influenciaram na educação de ambos. Menino que cozinha e menina que conserta corrente de bicicleta não são coisas comuns para Isabel, mesmo embora tenha um pensamento radical em relação ao da sua bisavó. Beta já considera normais as atitudes dos gêmeos, pois sua realidade e sua educação foram enveredadas para pensar assim. Pode-se dizer que Ana Maria Machado aborda essas questões em seu livro com o intuito de enriquecer seu objetivo de ruptura com a tradição de textos para o público infanto-juvenil, trazendo atitudes que rompem com a visão historicamente construída acerca de intenções pragmáticas e apresentando um novo perfil de meninos e meninas.

A contemporaneidade que observamos em *Bisa Bia, Bisa Bel* é a mais latente e se volta para o âmbito da reflexão do leitor acerca de como ele pode ponderar sobre o meio que o cerca e quais as influências que ele pode sofrer com determinada leitura. Coelho explica que

Enfim, o que hoje define a *contemporaneidade* de uma literatura é a sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade-em-transformação que é a Sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do curso. (COELHO, 1993, p. 134).

A narrativa de Machado, que aproxima o universo da personagem com o dia-a-dia do leitor, pode proporcionar o reconhecimento da sequência dos fatos descritos: brincadeiras, conflitos, paqueras, sala de aula. Esse reconhecimento advém da linguagem utilizada pela autora, assim como do reflexo que o leitor pode ter em relação a Isabel, fazendo com que a narrativa o envolva. Também, as dificuldades e os ensinamentos que Bel enfrentou podem possibilitar uma postura diferente em meio às situações que os leitores devem vir a passar. Trata-se de uma nova roupagem da literatura e de uma nova caracterização para influenciar o leitor, deixando-o livre para decidir e tomar suas próprias decisões.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desse trabalho foi o de analisar como a elaboração das personagens femininas, especificamente Isabel, Beatriz e Neta Beta do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, pode dar indícios da chamada renovação da literatura infanto-juvenil. O estudo acerca do tom pedagogizante e moralista que tanto influenciaram e fizeram parte da literatura para crianças possui um grande acervo que possibilitam compreender o intuito dos adultos que, através das produções literárias, incitavam as crianças a serem comportadas e a seguirem normas pragmáticas que designavam o comportamento adequado a ser seguido. Contudo, a literatura em geral passa por transformações com séculos seguintes e, com isso, a literatura infanto-juvenil também adquire uma postura que passa a escantear o sentido tradicionalmente construído pela literatura voltada para crianças.

Trata-se de uma nova roupagem em que os personagens são independentes, questionadores, altruístas e o universo feminino ganha, portanto, espaço, voz e vez. O cenário brasileiro adquire autores que comungam dessa ideia e suas obras são direcionadas e mediadas por esse ideal, como o livro de Machado, que demonstra como o passado, representado pela personagem Beatriz, é recheado de ideais moralistas e ensinamentos comportamentais a serem transmitidos, além de possuir estratégias para fazer com que a personagem Isabel conteste o que lhe é ensinado sem discriminar os conselhos de sua bisavó. A autora se utiliza de recursos narrativos, como o diálogo, para apresentar ao leitor criança que a transferência de valores podem ou não ser recebidos por outra pessoa, basta que esse leitor saiba entender o que é mais conveniente e condizente com a sua realidade.

É um livro que possui uma linguagem simples, direta e se assemelha com um diário, fazendo com que o enredo, embora seja essencialmente fantasioso, possa constituir a realidade do leitor. Essa estratégia da narrativa de Machado aproxima o leitor da história e Isabel e faz com que ele possa sentir as mesmas emoções que a narradora-personagem sente. A menina, por meio do diálogo com sua bisavó e bisneta, passa por momentos de conflitos, aflições, aceitações e rejeições, situações que contribuem para que a sua identidade feminina seja construída.

Foi visto durante a análise do livro de Machado que Beatriz, a bisavó de Isabel, é a essência do perfil de princesas, carregada de pensamentos tradicionalmente

construídos, possuidora de um ideal fixo para meninas que devem ser educadas para o trabalho no lar, submissas e frágeis. Esse ideal que ela tenta passar para sua bisneta é rejeitado porque Isabel é dona de uma visão que não considera que as mulheres devem ser frágeis e submissas. A menina é apoiada por Beta, que surge no livro para apoiar as suas decisões.

Pensando em ruptura de tradição literária, as personagens de Isabel e de Beta são as que confirmam a existência desse pensamento no livro de Ana Maria Machado. O passado e as normas que surgem através de Beatriz são apresentadas ao mesmo tempo em que são contestadas. Essa renovação literária e essa nova construção de personagens, elaboradas com pensamentos questionadores e independentes, não são exclusividades de *Bisa Bia, Bisa Bel*. Machado imprime, na maioria de seus livros, esse pensamento, característica mais presentes em suas obras. Essa conjuntura se dá por Machado estar inserida entre os principais escritores brasileiros que, embalados pelos ideais de Lobato, compõem o “boom de 70” e, conseqüentemente, a renovação literária.

Este trabalho foi construído com base na pesquisa bibliográfica seguida de análise, buscando compreender por meio de teorias existentes sobre a literatura infanto-juvenil e acerca de Ana Maria Machado e suas obras, o contexto histórico e cultural que presava pela literatura detentora de poder pedagógico, além dos novos caminhos que os textos direcionados para crianças alcançaram, tomando o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* como instrumento para a análise da escrita e ideais da autora.

## REFERÊNCIAS

- ABADE, Fernanda. **A literatura infantil como processo emancipatório na obra *Abrindo Caminhos, de Ana Maria Machado***. UTFPR, Curitiba, 2013. Disponível em: [http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1319/1/CT\\_LBHN\\_VIII\\_2013\\_03.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1319/1/CT_LBHN_VIII_2013_03.pdf).
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. – 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CADEMARTORI, Lígia. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_. **História infantil e pedagogia**. In: a formação e a noção de sujeito. São Paulo: 1992.
- CARVALHO, Neuza Cecilato de. **A emancipação do sujeito infantil pela discursividade do delírio em *Bisa Bia, Bisa Bel***. In: *Trança de histórias: A criação literária de Ana Maria Machado*. Orgs: Maria Teresa Gonçalves Pereira e Benedito Antunes. – São Paulo: UNESP; Assis – SP : ANEP, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo : Ática S.A., 1993.
- CURIA, Luiz Roberto, CÉSPEDES, Livia e NICOLETTI, Juliana. **Vade Mecum compacto**. – 11ed.atual e ampl.- São Paulo: Saraiva, 2014.
- FONTANELLA, Carine e NIEDERAUER, Silvia. **Bisa Bia, Bisa Bel: a transformação da personagem feminina na literatura infanto-juvenil**. UNIFRA: 2010. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/dotextoaoleitor/Bisa%20Bia,%20Bisa%20Bel%20a%20transforma%20da%20personagem%20feminina.pdf>
- LAJOLO, M., & ZILBERMANN, R. **Literatura infantil Brasileira: histórias & histórias** (7a ed.). São Paulo: Ática, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. **Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Marisa Lajolo**. – São Paulo : Abril Educação, 1983.
- MEIRELES, Cecília, 1901-1964. **Problemas da literatura infantil**. – 3ªed. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.
- MIGUEL, Marelenuquelem. **Uma breve trajetória dos contos de fadas e sua importância no imaginário infantil**. Caderno de Pedagogia v.1 n.1 - Setembro de 2004, Editora da UNIVILLE, v. 1, p. 50-57, 2004.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642012000100011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642012000100011&script=sci_arttext).
- SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Literatura Infantil e gênero: subjetividade e autoconhecimento**. Caxias do Sul: Conjectura, Vol.4 N°2, 2009.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira:** um guia para professores e promotores de leitura. – 2.ed. – rev -. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

ZILBERMANN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo : Global Editora, 2003.